



REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Louçada por Portaria do Ministerio da Instrução Publica de 15 de Fevereiro de 1929
 Premiada com Medallhas d'Ouro na II Exposição de Cintra em 29 de Agosto de 1929 e na Exposição Ibero-Americana de Sevilha — 1928

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS Composto e impresso no
 PALACIO DA ROCHA DO CONDE D'OBIDOS — LISBOA CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoaria, 27 — LISBOA

II VOLUME — OUTUBRO 1929 — NUMERO X
 (PUBLICADO EM AGOSTO DE 1930)

HERALDICA DE DOMINIO

ALJUSTREL

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Arqueologos Portugueses e aprovado em sessão de 12 de Junho de 1928.

NA Associação dos Arqueologos foi recebido o seguinte officio :

— Camara Municipal de Aljustrel. Comissão Administrativa — n.º 9 — Ao Ex.º Sr. Affonso Dornellas, Dg.º Presidente da Comissão de Heraldica, Museu do Carmo, Lisboa — Foi Aljustrel conquistado aos mouros por D. Sancho II. É esta vila uma das mais antigas do sul do Paiz. Vidé o foral concedido por D. Sancho II. Certamente teve brazão mas nas lutas politicas dos liberaes com os miguelistas, dizem as creaturas antigas, foi pasto das chamas as repartições publicas deste Conceho. Desapareceram, portanto, os indicios de qualquer brazão existente e até hoje não foi possível constituir-o. Concelhos que foram creados á custa do termo de Aljustrel como Castro Verde, Ourique e Odemira, teem brazão. Não se compreende, pois, que Aljustrel o não tenha. Por este motivo vem a Comissão Administrativa desta Camara solicitar de V. Ex.ª a finesa de a informar se será possível, pela Comissão de Heraldica de que V. Ex.ª é mui digno Presidente, constituir o antigo brazão de Aljustrel ou constituir um que corresponda á sua situação historica. — Agradecendo, desejo a V. Ex.ª Saude e Fraternidade. — Aljustrel, 7 de Janeiro de 1927. — O Presidente (a) J. Silva Alvares.

Nas obras que tratam de Heraldica de dominio não ha qualquer referencia a Aljustrel.

A Camara Municipal de Lisboa pensou em tempos em organizar uma obra com a Heraldica referente ás Cidades e Vilas Portuguesas, pelo que expediu uma circular a todas as Camaras. No Arquivo da mesma Municipalidade existe o processo. Vejamos pois o que ha sobre esta Vila :

Aljustrel — III.º e Ex.º Sr. — Em resposta ao officio de V. Ex.ª de 25 de Setembro proximo findo, tenho a honra de declarar a Vossa Ex.ª que esta Camara Municipal de Aljustrel, não usa hoje Brazão d'Armas algum, e se em algum tempo o usou não consta, pois, que revendo-se os restos d'alguns Livros, que ainda existem no Archivo, digo restos, porque em 1833 foram destruidos por uma Guerrilha Miguelista todos os Cartorios das diversas repartições desta Villa, não se encontrou declaração alguma por onde se conhecesse qual o Brazão de que usou e sua Historia ; é quanto sobre semelhante objecto posso dizer a V. Ex.ª, tendo a honra de me assignar de V. Ex.ª Mt.º Att.º Vnr. — Aljustrel 30 de Outubro de 1855. — (a) Francisco de Paula Inglez ; Presidente da Camara. —

Temos portanto que vêr a historia local para podermos satisfazer o desejo manifestado no officio acima.

D. Sancho II em 1235 tomou o Castello de Aljustrel aos Mouros que immediatamente deu á Ordem de S. Thiago, sendo esta doação confirmada por D. Affonso III em 1255.

O Rei D. Manuel I deu-lhe foral novo em Santarem a 20 de Setembro de 1510.

Tem Aljustrel aguas minerais que brotam em varios pontos da grande mina que ali existe.

Tanto as aguas como a mina, foram exploradas por civilisações anteriores á nossa.

De muito longe veio sempre gente e gado banhar-se naquelas aguas que sempre produziram grandes curas.

Hoje encontra-se Aljustrel muito desenvolvida devido a estas riquezas naturais.

Vamos pois, em presença destes factos, dar a nossa opinião sobre a constituição das respectivas armas:

De negro com uma fonte de ouro repuxando de de prata. Em chefe um crescente de ouro acompanhado de duas cruzes de Santiago de purpura perfiladas de ouro. Corôa mural de prata de quatro torres. Bandeira esquadrelada de purpura e branco. Fita branca com letras pretas. Cordões e borlas de purpura e prata. — Haste e lança de ouro.

O negro do campo representa a terra, d'onde vem toda a vida de Aljustrel. A fonte de ouro e agua de prata representam a riqueza proveniente das importantes minas. O crescente e as cruzes de Santiago, são referencias á historia da Vila que da posse dos Mouros passou para a Ordem Militar de Santiago.

*
* *
*

Vejamos dois officios recebidos posteriormente ao envio do parecer á respectiva Camara.

— Camara Municipal de Aljustrel. Comissão Administrativa. N.º 19. Ao Ex.º Sr. Alfonso de Dornellas. Lisboa. Em cumprimento



Sello de Aljustrel segundo este parecer

com o deliberado por esta Camara, em sua sessão ordinaria do dia 26 do corrente, informo V. Ex.ª que esta Comissão Administrativa, a que tenho a honra de presidir, na mesma sessão, apreciou e tomou em muita consideração o officio de V. Ex.ª de 7 de Junho p.p., esperando interessadamente, conhecer o douto parecer de V. Ex.ª. Com os protestos da minha maior consideração, desejo a V. Ex.ª — Saude e Fraternidade. Aljustrel, 28 de Julho de 1928. O Presidente da Comissão Administrativa (a) J. F. Silva Alves.

— Camara Municipal de Aljustrel. Comissão Administrativa N.º 53. Ao Ex.º Sr. Alfonso de Dornellas. Dg.º Presidente da Comissão Heraldica. Lisboa. Gostosamente venho junto de V. Ex.ª, em nome da Comissão Administrativa d'esta Camara, a que presido, acusar a recepção do seu officio de 18 do corrente mez, acompanhado do parecer apresentado por V. Ex.ª á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes respeitantes ás armas de Aljustrel.



Bandeira de Aljustrel com as cores indicadas heraldicamente

trel. Muito reconhecidos a V. Ex.ª pelas deferencias com que sempre nos honrou e pelo interesse dispendido ao pedido desta Camara, permita-me, em nome d'ela, apresentar a V. Ex.ª os nossos melhores agradecimentos acompanhados dos protestos da nossa maior consideração, desejando-lhe ao mesmo tempo Saude e Fraternidade. Aljustrel, 30 de Agosto de 1928. O Presidente da Comissão (a) J. F. Silva Alves.



CARDIGOS

Parecer apresentado por Alfonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e aprovado em sessão de 12 de Novembro de 1928.

DAS mãos do Snr. Engenheiro Raul Marques Caldeira, recebi para apresentar á secção de Heraldica da Associação dos Archeologos, um projecto e alguns elementos sobre as armas da Vila de Cardigos, com o pedido para ser formulado o respectivo parecer.

O desenho que constitue o projecto, apresenta, muito bem aguarrelado, um escudo esquartelado tendo no primeiro quartel de vermelho a Cruz de Malta de prata, no segundo de prata as quinas de Portugal, no terceiro de prata um galo de sua côr, cantando, e no quarto de ouro, um ramo de oliveira verde frutado de negro, encimado por um X e um P sobrepostos e metidos num circulo e em baixo uma lampada de negro acesa de vermelho.

Primeiro que diga o que penso sobre o esquartelado do escudo e sobre as peças com que os diferentes quartéis estão ordenados, vou transcrever parte de duas cartas que acompanhavam o projecto, e que dão alguns elementos sobre o mesmo.

A primeira carta datada do Colégio de San Estanislão de Salamanca em 11 de Fevereiro de 1928, dirigida ao Snr. J. S. Tavares e assinada pelo snr. J. da Costa Lima Junior, tem de interessante para o assunto, o seguinte:

— Mal recebi a sua carta de 19 de Janeiro deitei-me a estudar a melhor maneira de arranjar um escudo de Cardigos conforme requeria a Cruz de Malta. Uma vez que aquella vila fôra do Priorado do Crato e tinha por isso as suas armas, projectava fazer delas o essencial da nova composição quando me chegou a sua carta de 1 de Fevereiro A Cruz de Malta, pela sua forma estrelada, obrigou-me a reformar totalmente o 1.º projecto e por me não deixar espaço folgado para os outros motivos heraldicos, tive de deixal-a num quartel em campo de goles. Historicamente vae pois como era o velho brazão dos Templarios, armas do crato e de cardigos. Seja dito de passagem que é branca a Cruz de Malta e portanto ao pinta-la não lhe devem dar outra côr. Os brazões já levam definidas as côres que se devem aplicar. Requiere uma explicação o ultimo quartel. Num deles vai o monograma X P tão querido dos primeiro seculos da igreja e ornato que pinto no estilo bisantino. Na lampada recorde a linda tradição de Cardigos. Noutro quartel simbolizei essa piedosa generosidade no ramo de oliveira que se converte numa chama. Parece-me mais heraldico. O galo que se me pedia vai triunfante, de côres garridas. Esse simbolo da diligencia em vigilancia vai nessa posição por assim o determinar a heraldica que estudei para o caso. Não tenho livro de armas portuguezas e se houver dislate é a facilidade do artista executor que confio a mudança. Advirto que todos os motivos se devem esculpir em meio relevo e depois pintar. É a unica maneira de tornar vivo esse brazão, segundo a tecnica dos canteiros e decoradores da velha idade media que nos dá infinitas lições de bom gosto estético. O relevo dos motivos, porem, não deve passar o nível das molduras. Os besantes das quinas são tambem de relevo. Não vai a cegonha porque temo que não seja ave de adorno da heraldica nacional, pelo menos naquela forma. Para completar o escudo, no adorno externo, qualquer folhagem estilizada pode servir não se devendo tomar contudo as folhas de acanto e a bicharia dos seculos XV e XVI. É melhor seguir as tradições romanicas dos nossos tumulos e esculpir secamente a moldura apontada do escudo, sem nenhum adorno. Resumindo: côres do escudo — Cruz de prata em campo de goles. Quinas de Portugal — azues com besantes de prata, em campo de prata. Galo como está ou em sinoble, em campo de prata. Chama de goles, Oliveira ao natural, em campo de ouro. Tudo em meio relevo. . . .

A outra carta é datada de Caminha em 17 de Fevereiro de 1928 e assinada por J. S. Tavares. Vejamos a parte que nos interessa:

— Em pacote registado envio por este correio os tres exemplares do escudo de Cardigos que ontem recebi. O artista, como verás,

retirou a Cruz de Malta do centro e pô-la num dos quartéis, donde resultou não ter podido meter o castelo; sin'o isso, porque se podera tê-lo metido á direita, em vez das Quinas que sem dificuldades podiam ter sido suprimidas. Agora não tem remedio, para não dar mais trabalho ao artista. Dos dois exemplares, o *b* parece preferivel por ter a alampada. O circulozinho que está no quartel da oliveira é o monograma da palavra Cristo — X P, o que significa o azeite a arder em honra de Christo Sacramento. Como era difficil que se conhecesse uma oliveira em ponto tão pequeno, eu disse ao artista que substituisse a arvore por um raminho com azeitonas. Creio que fica tudo bem. Pelo que toca ás côres do Escudo e á maneira de o fazer em pedra, envio-te inclusa a carta do artista que dá essas explicações. Pódes conservá-la aí. Para o Escudo ser oficial e valido, precisa de ir á «Associação dos Archeologos Portuguezes» (Secção de Heraldica), Edificio Historico ao Carmo—Lisboa e ser nela aprovado. Tens portanto de mandar lá por meio de algum amigo o exemplar preferido e ver se consegues a aprovação. Como um dos Redactores da Brotéria é sócio dessa Associação, se for preciso creio que ele não terá difficuldade em servir de empenho. Como verás na carta, o artista parece preferir o exemplar *c*. Ao teu cuidado fica isso e preffram o exemplar que mais agradar aí. . . (a) *J. S. Tavares*.

Por estas duas cartas se verifica que grandes boas vontades teem procurado organizar umas armas para Cardigos, mas o desconhecimento completo da organização das armas de dominio e a falta absoluta de orientação, deram um projecto que não pôde ter aprovação da secção de heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes.

Primeiro que rapidamente aprecie algumas das passagens das cartas, vou dar conta dumas informações que colhi directamente para conhecer a razão de alguns dos elementos que aparecem no projecto referido.

Vejamos uma carta que escrevi:

Cintra 25 de Agosto de 1928. — Ex.º Sr. Alfredo Cardoso. — Rua dos Remedios N.º 20 (Farmacia). — Lisboa. — Tendo-me sido entregue pelo engenheiro Snr. Raul Marques Caldeira, um desenho dumas projectadas Armas para a Vila de Cardigos e duas cartas que lhe dizem respeito, uma assinada pelo snr. José da Costa Lima Junior datada do Colégio de San Estanislão, Salamanca, 11 de Fevereiro de 1928 e outra assinada pelo Reverendo Padre J. S. Tavares, datada de Caminha de 17 do mesmo mez e ano, para com esses elementos formular um parecer para apresentar á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos, venho solicitar de V. Ex.º me mande fornecer os mesmos elementos que foram fornecidos ao primeiro daqueles Senhores, para me facilitar o estudo que sobre o assunto estou fazendo. — Necessito sabar a razão porque ha o desejo de que figure um galo nessas Armas e ainda na tradição de Cardigos que se liga á lampada e qual o motivo que alegam para figurar uma cegonha nas mesmas Armas. — Emfim, todos os elementos que existam para procurar representar nestas armas a historia de Cardigos. — Agradecendo desde já uma resposta, sou com elevada consideração. — De V. Ex.º Mt.º At.º e Obgd.º (a) *Afonso de Dornellas*.

Vejamos agora a resposta da parte que nos interessa:

— Cardigos *c*/ de V. Ex.º, 4 de Setembro de 1928. — II.º e Ex.º Senhor. Em meu poder a prezadissima carta de V. Ex.º de 25 ultimo, a que só agóra me é possível responder, em virtude de ter estado ausente de Cardigos a pessoa que podia dar os esclarecimentos pedidos e que incluso envio a V. Ex.º. Se V. Ex.º precisar de mais alguns elementos para formular o seu parecer, pode V. Ex.º dirigir-se para aqui, até fins de Setembro e dessa data em diante para Lisboa. . . Desculpe V. Ex.º a maçada do que, com toda a consideração e respeito se subscreve. De V. Ex.º At.º Vor. Cd.º Mt.º Obgd.º (a) *Alfredo Cardoso*.

Vejamos agora os elementos que acompanham a mesma carta :

— Tem a data de 18 de Maio de 1518 o Foral que D. João III deu a Vila Nova dos Cardigos (Cardigos), sendo presumível que o pelourinho que ha uns cincoenta annos, pouco mais ou menos, foi dismantelado e demolido, fosse erigido por essa epoca. Refere uma tradição, que a vizinha Amendoa — Concelho a que Cardigos pertenceu antes de ter o seu foral — nunca vira com bons olhos a desa-



Sello de Cardigos segundo este parecer

gregação de Cardigos, e que, por isso, ameaçava destruir o pelourinho. Diz ainda a tradição que a *vigilancia de Cardigos* durou cerca de um anno — a quando da fundação do pelourinho — com sentinêlas permanentes. O cognome de galos, dado aos habitantes de Cardigos, é antiquissimo, e se a memoria me não falha, eu vi uma allusão ao caso num livro, de um dos Figueiredos de Mação publicado no seculo passado. — É de supôr que tal epíteto de galos, aos habitantes de Cardigos, derive da *vigilancia* ao seu pelourinho. Natural é pois a inclusão do galo, em attitude da *vigilancia*, no esudo de Cardigos. Sobre a *lampada*, o motivo é nobre tambem. Disseminadas pela vasta aerea da freguezia, há dispersas, uma grande quantidade de oliveiras, que foram doadas, desde tempos inmemoriaveis, por diversas pessoas, á confraria do Santissimo Sacramento, com o fim de, com o seu producto, ser alumiado permanentemente o Sacratio na Igreja matriz. A *lampada* simbolisa a fé viva das diversas gérações que tem passado pela freguezia. Me parece que a cegonha não figura no desenho preferido. Houve, é certo, o pensamento de a incluir como simbolo de abundancia e da guarda dos campos; mas essa ideia, creio, foi posta de parte. —

Com todos estes elementos, analisemos um pouco o que acima se diz :

O desenho que constitue o projecto das armas de Cardigos e que descrevi, é esquartelado o que é um ero em armas de dominio. O esquartelado inventou-se para as armas de familia chamando-se armas de costado e onde se incluem nos seus quatro quarteis as armas dos avós paternos e as dos avós maternos.

As armas de dominio nada teem com as armas de familia, devem ser sempre dum só campo e nelle ordenadas cimetricamente as peças heraldicas que simbolisem os caracteristicos da historia ou vida natural da terra que representam.

A Cruz de Malta é interessante que figure nas armas de Cardigos, visto que durante tantos annos lhe

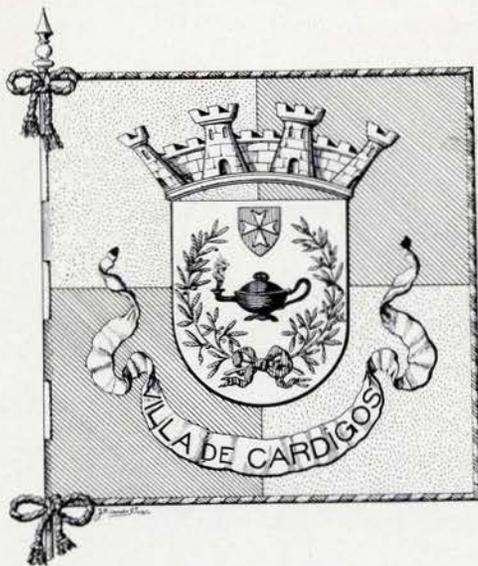
pertenceu e muito principalmente por que era uma das doze Vilas que constituam o Priorado do Crato.

Se Cardigos tivesse marcado uma conquista de destaque entre as façanhas de D. Affonso Henriques, poderia incluir-se-lhe as quinas de Portugal, mas não foi facto que tivesse tal valor na Historia Geral do Paiz, que deva motivar a inclusão das armas de D. Affonso Henriques nas armas de Cardigos.

Na organização dumas armas de qualquer especie, deve sempre haver uma noção nitida das proporções e uma justificação clara na applicação das peças heraldicas para facil comprehensão das mesmas.

A inclusão do galo nas mesmas armas, parece-me não ter uma justificação clara. A Historia do pelourinho, será muito interessante e pode muito bem ser que os naturaes de Cardigos fossem alcunhados de galos por passarem as noites em vigilia de protecção ao monumento que lhes dava foros de justiça, mas desde que esse monumento foi *dismantelado e demolido*, parece que já não está justificado o uso do cognome de galos, visto que desapareceu o motivo desse cognome.

Talvez que não fosse bem esta a origem do referido cognome, mas sim a indicação da origem dos habitantes da terra. D. Affonso Henriques, á medida que ia conquistando terras, las distribuindo por estrangeiros que fugindo ás leis feudais das suas terras, vinham aqui gozar uma liberdade completa.



Bandeira de Cardigos com as cores indicadas heraldicamente

Golegã, que é proximo de Cardigos, conta na historia do seu nome, a existencia de uma galega que ali tinha uma estalagem, como Aldea Galega do Ribatejo tambem começa por outra estalagem duma Alda Galega, emfim a historia etimologica das terras de Portugal ainda está muito atrazada.

Os gauleses podiam muito bem ter culpa nestes nomes todos que hoje nos aparecem deturpados e com origens disfarçadas.

Não é portanto absolutamente clara a razão de incluir um galo nas armas de Cardigos, portanto sou de opinião que se não aproveite esta peça heraldica. No quarto quartel, indica o auctor do desenho, que se assina M. Lima, um ramo de oliveira encimado pela abreviatura de «Christo», tendo em contra chefe uma lampada acesa. Pertence Cardigos ao distrito de Santarem, portanto é região fértil em azeite e depois é muito interessante a particularidade dos naturaes legarem oliveiras para a manutenção duma lampada acesa na Confraria do Santissimo Sacramento.

É uma manifestação apreciavel da indole dos habitantes de Cardigos e que me parece deve ter representação nas armas á excepção da abreviatura de «Christo», que me parece de boa razão que figure em assuntos religiosos e não numas armas e num selo que caracterizam uma Camara Municipal.

Há peças heraldicas que pela sua representação, não podem ser arrumadas ao acaso no campo dum escudo. As quinas de Portugal por exemplo, nunca podiam ficar, em armas de familia, no segundo quartel. Ou occupam o primeiro, ou num escudo de campo liso, figuram em chefe ou no centro.

Assim tambem, a abreviatura de Christo, se por uma deliberação muito especial passasse a ser considerada peça heraldica, teria forçosamente de occupar o lugar que occupam as quinas de Portugal, visto não haver outra situação mais honrosa. Com referencia á carta acima escrita e assinada pelo Snr. J. da Costa Lima Junior, vou dizer alguma coisa unicamente sobre aqueles pontos que é bom que fiquem claros para elucidação de quem ler a mesma carta. Confunde este Snr. a Cruz dos Templarios com a Cruz de Malta não só na forma, como na côr.

A Cruz dos Templarios é vermelha e toda formada de curvas; a Cruz de Malta é branca e toda formada de retas. São duas cruzes absolutamente distintas. Na heraldica a forma da Cruz não pôde ser alterada, agora a côr, pode ser diferente se as circunstancias, assim o determinarem. Com referencia á bandeira dos Templarios, tenho a dizer que era partida de branco e de preto e com referencia á bandeira de Malta, tenho a dizer que era azul, principalmente para o Chefe da Ordem

o Prior do Crato, sendo de outras cores para outras dignidades ou circunstancias.

A Vila do Crato adoptou ilegalmente, para suas armas, a Cruz de Malta branca em campo vermelho que era uma das bandeiras da ordem.

A cegonha apesar de ser uma peça heraldica, não tem razão de aparecer nas armas de Cardigos.

Existe a cegonha e a garça na armaria de familia Portugueza na composição dos brazões pelo menos das Familias Dolgado, Galdo e Garcez.

Na carta assinada pelo Snr. J. S. Tavares, manifesta se o desgosto de não figurar um castelo nas armas, desgosto que não tem razão de existir, visto que outros elementos com mais razão podem caracterizar a historia local. O Castelo de Cardigos não teve uma historia por tal forma saliente, claro, porque as circunstancias não o permitiram, que se torne indispensavel na composição das armas da Vila.

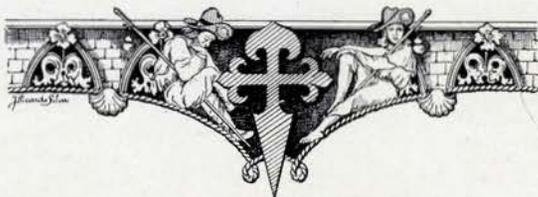
Terminando estas razões, vou dizer como penso que devem ser ordenadas as armas da Vila de Cardigos:

De prata com uma lampada de negro acesa de vermelho acompanhada de dois ramos de oliveira de verde frutados de ouro e atados em ponta de vermelho. Em chefe um escudete vermelho carregado duma Cruz de Malta de prata, Corôa mural de quatro torres de prata.

Bandeira esquartelada de amarelo e de verde. Por de baixo das armas uma fita branca com letras pretas. Cordões e borlas de verde e de ouro. Haste de prata.

Indico: o campo das armas de prata, por este metal em heraldica significar humildade e riqueza; os ramos de oliveira de sua côr com frutos de ouro por o verde e o ouro heraldicamente significarem fé; a lampada de negro por este esmalte corresponder á terra e significar firmeza e honestidade e a luz de vermelho por este esmalte corresponder ao fogo.

Como a peça principal das armas são os ramos de oliveira que alem de representarem uma interessante tradição, representam tambem uma riqueza da região, e como esta peça é verde e ouro, devem estas ser as côres da bandeira e portanto as côres da Vila. A corôa mural de quatro torres está heraldicamente estabelecido que indica a categoria de Vila.





TITULARES PORTUGUEZES

VISCONDES DE JUROMENHA

RESENHA GENEALOGICA

ELEMENTOS COLIGIDOS POR AFFONSO DE DORNELLAS

A pedido do actual Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Lisboa, de Sua Magestade a Rainha dos Paizes Baixos, Ex.^{mo} Sr. Jonkheer (Barão) H. M. van Haersma de With, procurei saber quem era D. Maria Joanna Willoughby Lacerda de Lemos, nascida em Lisboa em 18 de Março de 1806, filha de Antonio de Lemos Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Maria da Luz Willoughby da Silveira e quem eram os seus ascendentes e parentes.

A razão d'este pedido consistia em que D. Maria Joanna Willoughby Lacerda de Lemos, tinha casado em Lisboa em 25 de Abril de 1827 com Jacob Borrel, Ministro que foi da Hollanda em Lisboa e por os actuaes parentes e descendentes nos Paizes Baixos, desejarem conhecer a genealogia da mesma senhora.

Dentro do meu Archivo e da minha Bibliotheca, foi-me possivel organizar o estudo que se segue que pode servir de base a grande desenvolvimento, no caso de o desejarem fazer, entrando pelo Archivo Nacional

da Torre do Tombo, onde concerteza se encontrará assumpto para escrever volumes sobre esta Familia.

Devido ao favor da Ex.^{ma} Senhora D. Maria de Sousa de Lemos e Lacerda, actual representante dos Viscondes de Juromenha em Portugal, posso apresentar interessantes retratos. Ainda por obsequio desta Senhora foi-me possivel consultar um estado genealogico do Senhor Marquez de Faria, assim intitulado:

Résumé généalogique de quelques 'unes des tres nobles ascendanees portugaises (de Lemos—de Lacerda—de Araujo) de Monsieur le Duc de Bellune. Livre. 1904.

Vejam os portanto os elementos que colhi para o estudo de tão Illustre Familia :

1 — JORGE DE LEMOS — Moço Fidalgo da Casa do Rei D. Manuel I de Portugal. Esteve ao serviço dos Duques de Bragança. Foi Senhor do Morgado de Valle Formoso. Em 26 de Janeiro de 1504 fez um contracto com o Convento da Graça sobre o referido Morgadio,

instituído por Martim Lourenço em 18 de Janeiro de 1398.

Casou com D. Genebra Pereira, Dama e Colaça da Duquesa D. Izabel de Bragança, mulher do Duque D. Fernando.

D. Genebra Pereira era filha de Fernando Rodrigues Pereira, Camareiro-mór do Duque de Bragança D. Jayme, e de sua mulher D. Helena de Brito, Dama da Duquesa de Bragança, D. Izabel, acima referida.

Do casamento de Jorge de Lemos com D. Genebra Pereira, nasceu:

2 — PEDRO DE LEMOS PEREIRA — Senhor e Administrador do Vinculo de Valle Formoso e Moço Fidalgo da Casa Real em 1515.

Morreu na India sendo commandante d'um navio, e em combate com os naturaes.

Por contracto datado de 23 de Dezembro de 1513 assignado no Palacio da Rainha D. Leonor, do qual foram testemunhas a Duquesa D. Izabel de Bragança e D. Izabel Pereira, tia da noiva, casou com D. Brites de Oliveira filha de D. Diogo Delgado, Fidalgo da Casa do Duque de Vizeu, D. Diogo, irmão do Rei D. Manuel I, Commendador de Fonte Arcada e Senhor dos Morgadios dos Delgados.

Do casamento de Pedro de Lemos Pereira com D. Brites de Oliveira houve:

3 — DIOGO DE LEMOS PEREIRA — Nasceu em 1526. Moço Fidalgo por Carta de 22 de Junho de 1538. Senhor do Vinculo do Valle Formoso. Partiu para a India na Nau Santo Antonio em 1538. Em 1580 tomou posse do Vinculo instituído por Martim Lourenço. Morreu em 1587 tendo casado com D. Anna Pereira de Lacerda, nascida na India e filha de Manuel de Lacerda Pereira e de sua mulher D. Anna de Castilho, filha de Diogo de Frias Salazar e de sua mulher D. Francisca Salazar filha de Thomaz de Frias Salazar e de sua mulher D. Anna de Castilho que era filha de Affonso Gonçalves de Castilho, natural de Segovia.

— Thomaz de Frias Salazar era filho de Rodrigo de Frias Salazar e de sua mulher D. Maria Ortiz de la Costava.

— Manuel de Lacerda Pereira, pae de D. Anna Pereira de Lacerda, era moço Fidalgo da Casa Real, Go-

vernador de Chaul e filho de Affonso Pereira de Lacerda, capitão de Ceylão e de sua mulher e prima D. Iñez Pereira de Lacerda filha de Nuno Pereira de Lacerda.

— Affonso Pereira de Lacerda era filho de João Rodrigues Pereira e de sua segunda mulher D. Leonor de Tovar filha de Affonso Vaz de Caminha.

— João Rodrigues Pereira era filho de Reymão Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Izabel Pereira, filha de Gonçalo Cardoso Homem, Senhor e Administrador do Morgado da Taipa.

— Reymão Pereira de Lacerda era filho de Nuno Pereira de Lacerda, Alcaide-Mór da Vidigueira, Portel e Villa de Frades, e de sua mulher D. Guiomar da Silva, herdeira do Morgado de Balleizão e filha de João Rodrigues da Costa.

— Nuno Pereira de Lacerda, era filho de Diogo Nunes Pereira de Lacerda, Alcaide-Mór da Vidigueira, e de D. Brites Rodrigues de Abreu, filha de Gomes Anes de Abreu, senhor de Castello de Vide e de Monforte.

— Diogo Nunes Pereira de Lacerda, era filho de Martim Fernandes de Lacerda, chefe dos Lacerdas em Portugal, Senhor do Sardeal, Monsaraz e Golegã, e de sua mulher D. Violante Pereira, irmã do Condestavel de Portugal e Conde d'Ourem D. Nuno Alvares Pereira ascendente de todas as Familias Reaes da Europa.

— Martim Fernandes de Lacerda, era filho de D. Affonso Fernandes de Lacerda, Senhor de Almendra, e de sua mulher D. Luiza de Menezes.

— D. Affonso Fernandes de Lacerda era filho de D. João Affonso de Lacerda, Duque de Angoulême, Condestavel de França, Senhor de Gibralion e de Guelva, que morreu em 1357 e de sua mulher D. Maria de Portugal, filha natural do Rei D. Diniz de Portugal.

— O Duque de Angoulême, era filho de D. Mathilde de Norbone e de D. Affonso de Lacerda, bem conhecido na historia por ter sido aclamado Rei de Castella, throno que pela força lhe tirou seu irmão o Rei Sancho IV.

— D. Affonso de Lacerda era filho de D. Fernando de Lacerda e de sua mulher a Infanta D. Branca, filha de São Luiz, Rei de França.



D. NUNO PEREIRA, DE POR ALVARES CONDESTAVEL TUGAL.

Do casamento de Diogo de Lemos Pereira (3) e de sua mulher D. Anna Pereira de Lacerda, nasceu :

4 — MANUEL PEREIRA DE LACERDA. Moço Fidalgo da Casa Real por carta de 8 de fevereiro de 1584. Foi Senhor do Morgadio de Valle Formoso.

Para a ascendencia que atraz deixei, deste Manuel Pereira de Lacerda, colhi bastantes elementos no trabalho que no inicio deste estudo citei, da autoria do Sr. Marquez de Faria.

Agora, já com este Manuel Pereira de Lacerda, continuo com os elementos colhidos no meu archivo e na minha bibliotheca e ainda aproveitando algumas referencias do citado trabalho.

Manuel Pereira de Lacerda, diz o Sr. Marquez de Faria, que casou em primeiras nupcias com D. Catherina de Aragão e em segundas com D. Claudia da Silva.

Nos meus elementos, só encontro referencia a esta ultima senhora.

Do casamento portanto de Manuel Pereira de Lacerda, com D. Claudia Silva, houve :

5 — DIOGO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA. Moço Fidalgo da Casa Real por carta de 11 de junho de 1617 e Fidalgo Cavaleiro em 1625, anno em que partiu para a India. É este o primeiro desta nobre familia que usou a união dos apelidos Lemos Pereira de Lacerda como seus descendentes usaram nos 300 annos que se seguiram até á actualidade.

Morreu em 27 de janeiro de 1639, tendo casado com D. Catherina Barradas, filha de Francisco Chama Moniz.

Do casamento de Diogo de Lemos Pereira de Lacerda, houve :

6 — BERNARDO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA. Nasceu em Lisboa na Freguesia do Socorro. Foi Moço Fidalgo da Casa Real por carta de 5 de fevereiro de 1640. Foi Senhor do Morgado do Valle Formoso. Morreu em 1688.

Casou com D. Crispina de Vasconcellos, filha de Manuel Telles de Vasconcellos e de sua mulher D. Brites Nunes de Oliveira. Tiveram :

7 — MANUEL DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA. Nasceu em Lisboa e baptizou-se em 21 de dezembro de 1649 na Igreja de S. Julião. Moço Fidalgo da Casa Real por carta de 8 de junho de 1676, cavaleiro da Ordem de Christo. Foi Morgado de Valle Formoso e Senhor da Preza da Freguesia dos Olivais. Casou em 12 de dezembro de 1701 com D. Maria Michaela de

Macedo que depois de viuva do Dr. José Pereira da Silva foi Dona da Camara da Rainha D. Mariana de Austria. Esta Senhora era filha de João Henriques de Macedo, Capitão de Infantaria na Corte e natural de Lisboa e de sua mulher D. Clara Maria Correa, natural de Lisboa, filha de João Francisco de Sadelho e de sua mulher D. Isabel Correa.

João Henriques de Macedo era filho de Paulo Henriques de Macedo e de sua mulher D. Mariana Henriques da Silva.

Do casamento de Manuel de Lemos Pereira de Lacerda com D. Maria Michaela de Macedo, nasceram :

8 — BERNARDO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA que segue.

8 — D. Luiza Bernarda Telles de Vasconcellos,

açafata da Rainha D. Maria I por alvará de 18 de dezembro de 1745. Casou com Antonio Carlos de Seixas Castello Branco, natural do Porto, Cavaleiro da Ordem de Christo, Senhor do Prazo de Beduido e pelo seu casamento Fidalgo Cavaleiro da Casa Real.

Era filho de Francisco de Seixas Castello Branco, Cavaleiro de Christo, senhor do dominio de Beduido, e de sua mulher D. Francisca Barreto Coelho, filha de Antonio Rodrigues Marques, Cavaleiro de Christo e Moço Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Luiza Barreto Coelho.

— Francisco de Seixas Castello Branco era filho de João de Seixas Castello Branco, Cavaleiro da Ordem de Christo, Senhor de Beduido e de sua mulher D. Paula de Vasconcellos filha de Antonio de Madureira Trigo e de sua mulher D. Catherina de Vasconcellos.

— João de Seixas Castello Branco era filho de Manuel de Seixas Castello Branco, Senhor de Beduido e de sua mulher D. Maria de Almeida; neto de Simão de Seixas, natural de Coimbra, e de sua



D. João Afonso de Lacerda. Duque de Angoulême. Condestavel de França

mulher D. Ana Moreira de Castello Branco, filha de Francisco Moreira de Castello Branco, Senhor de Villa Meã e de sua mulher D. Antonieta do Rego.

— Simão de Seixas era filho de Henrique de Seixas, Moço Fidalgo, e de sua mulher D. Lucrecia de Sampaio.

Diz o Sr. Marquez de Faria no trabalho citado, que Henrique de Seixas era filho de Fernando de Seixas e cita que dois netos deste ultimo, Luiz e Simão de Seixas tiveram carta d'armas. De facto existem estas cartas, mas pela sua leitura depreende-se que este Luiz era filho de Henrique acima citado e neto paterno do Conego da Sé de Coimbra João de Seixas e este por sua vez é que é filho de Fernando de Seixas. Na carta d'armas conferida a Simão de Seixas não apparecem manifestações de parentesco com estes Seixas.

Do casamento de D. Luiza Bernarda Telles de Vasconcellos nasceram.

- 9 — *D. Joana Rita de Lacerda Castello Branco, 1.ª Baronesa do Real Agrado* por decreto de 13 de Março de 1805 e 1.ª Viscondessa do mesmo titulo por decreto de 13 de Maio de 1810. Dama da Rainha D. Carlota, Dama da Ordem de Santa Isabel. Morreu em 6 de Março de 1822.

- 9 — *Francisco Xavier de Seixas Lemos Castello Branco*, foi Fidalgo da Casa Real, Comendador de S. Thiago. Superintendente dos Coutos da Casa do Infantado. Sr. da Casa de Loroza. Casou com D. Maria Josefa Pereira de Miranda, filha herdeira de Alexandre Pereira de Miranda, Snr. da Casa da Loroza e de sua mulher D. Michaela Theresa Ferreira de Castro e Lima, filha de Vicente Pereira de Mello Peixoto, Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Domingas Moreira de Castro e Lima.

Do casamento de Francisco Xavier de Seixas Lemos Castello Branco com D. Maria Josefa Pereira de Miranda houve:

- 10 — *Antonio de Lemos de Lacerda Castello Branco* que nasceu em S. Simão de Gouvea. Foi Fidalgo Capelão da Casa Real por alvará de 8 de junho de 1781. Foi Abade de Sande.
- 10 — *João de Lemos*. Conego da Sé de Braga. Fidalgo Capelão em 1781.
- 10 — *Francisco de Lemos*. Abade de S. Miguel entre ambos os Rios.
- 10 — *D. Joaquim de Lemos*. Monsenhor.
- 10 — *Domingos de Lemos*. Beneficiado.
- 10 — *D. Lucia Bernarda*. Sem mais noticias.
- 10 — *Ignacio Xavier de Seixas Lemos Castello Branco* 2.º Barão e 1.º Visconde do Real Agrado por Decreto de 17 de dezembro de 1813 e carta de 7

de fevereiro de 1816. Nasceu em 21 de setembro de 1771, Foi Coronel do Exercito. Comendador da Ordem de Christo. Cavaleiro da Torre Espada. Cruz da Campanha N.º 2 da Guerra Peninsular. Casou em 7 de Abril de 1812 com D. Maria do Carmo Vaz Pinto Guedes, que nasceu a 2 de outubro de 1781, filha herdeira de José Vaz Pinto Guedes, Capitão Mór de Penaguão e de sua mulher D. Josepha Candida da Silva.

Do casamento de Ignacio Xavier e de D. Maria do Carmo, houve:

- 11 — *Francisco de Lemos Castello Branco* que nasceu a 7 de Setembro de 1814, alferes de Cavalaria, Comendador de S. Thiago. Morreu em 29 de outubro de 1873 tendo casado com D. Maria Theodosia de Menezes e foram paes de João de Lemos e José Vaz de Lemos.

11 — *José de Lemos* que nasceu em 30 de dezembro de 1815.

11 — *João de Lemos* o celebre poeta que nasceu em 6 de maio de 1819. Formado em Direito. As suas obras veem descrimindadas a paginas 396 do Tomo 3 e pg. 295 do Tomo 10 do Dicionario Bibliografico de Inocencio.

11 — *D. Maria Luiza* que nasceu em 2 de fevereiro de 1821 e

11 — *Joaquim Antonio* que morreu em Torres Novas em 1854.

Voltando aos filhos de Francisco Xavier de Seixas Lemos Castello Branco e da sua mulher D. Maria Josefa Pereira de Miranda, temos:

10 — *D. Maria Jacinta* sem mais noticia.

10 — *D. Joana Rita*. Acafata de D. Maria I e depois esteve ao serviço da Senhora Infanta D. Isabel Maria.

10 — *Policarpo João Xavier de Lemos* que foi Oficial da Secretaria do Infantado.

Voltando aos filhos de D. Luiza Bernarda Telles de Vasconcellos e de Antonio Carlos de Seixas Castello Branco, temos:

9 — *Joaquim Bernardo de Seixas Castello Branco*. Foi por Capitão da viagem de 1757 para a India, e lá morreu em 1 de Janeiro de 1758.

9 — *Antonio Luiz de Lemos Seixas Castello Branco*. Nasceu na freguesia de Santa Marinha d'Alcorontim no Bispado de Coimbra. Foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real por Alvará de 16 de Fevereiro de 1758.

9 — *D. Margarida Sofia Antonia de Lacerda Castello Branco*, Dama da Rainha D. Maria I que lhe fez mercê de tres Capellas da Coroa. Morreu em 15 de fevereiro de 1816 tendo sido casada com João Pedro de Figueiredo Mello e Bulhões, Guarda Roupa d'El-Rei D. Pedro III, Fidalgo da Casa Real, Comendador dos Bens do Rio Maior na Ordem de Christo, Theoureiro do Consulado da Casa da India, apontador da Ribeira das Naus, etc. Era filho de Nicolau de Figueiredo, Fidalgo Cavaleiro por Alvará de 13 de dezembro de 1777, Ca-



LEMOS — De vermelho, com cinco quadernas de crescentes de ouro, postas em sautor. Timbre — Uma aguja de vermelho, bicada de ouro, carregada de uma quaderna de crescentes do mesmo no peito e assentada sobre um ninho de verde.

LEMOS — De gueules, à cinq lunets d'or, poses en sautoir. Cimier — Une aigle de gueules, becquée d'or, chargée d'un lunet de l'écu sur sa poitrine et assise sur une aigle de sinople.

valeiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Ana Joaquina de Mello Bulhões.

Do casamento de D. Margarida Sofia houve:

- 10 — *Nicolau Xavier de Figueiredo Mello de Bulhão Lemos Castello Branco, 1.º Barão de Beduido* e de quem adiante tornarei a fazer referencia.
- 10 — *Antonio Carlos de Castello Branco*, natural de Lisboa, Fidalgo Capelão por Alvará de 8 de abril de 1790.

8 — BERNARDO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA — Filho herdeiro de Manuel de Lemos Pereira de Lacerda (7). Foi baptisado na Igreja de Santa Maria dos Olivais do Bispado de Lisboa em 18 de Dezembro de 1702. Senhor do Morgado de Valle Formoso e Prazos dos seus ascendentes. Foi Moço Fidalgo da Casa Real por Alvará de 18 de Dezembro de 1713.

Casou no dia 6 de Fevereiro de 1723 com a poetisa D. Maria Caetana Aurelia O' Daly, que morreu em 22 de Janeiro de 1743 sendo filha de Daniel O' Daly, morto em 1705, Ajudante de Campo do General em Chefe da batalha de Valencia de Alcantara, e de sua mulher D. Maria Magdalena de Palencia Espinola.

— Daniel O' Daly era filho de Carlos O' Daly, Capitão de Marinha, natural da Irlanda, filho de outro Carlos O' Daly, tambem Irlandez.

Do casamento de Bernardo de Lemos Pereira de Lacerda, houve:

9 — JOÃO ANTONIO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA — Nasceu em 8 de Junho de 1730 e baptizou-se na Igreja de Santa Catherina de Lisboa. Moço Fidalgo da Casa Real com exercicio, por Alvará de 6 de Junho de 1743. Cavalleiro da Ordem de Christo. Marechal de Campo dos Reaes Exercitos. Sucessor do Morgado e mais casa de seus paes. Morreu em 17 de Novembro de 1803.

Casou duas vezes. O primeiro matrimonio foi com D. Maria Catherina Garcez Palha dos quaes nasceu:

10 — *D. Maria Catherina de Lacerda Garcez Palha* que casou com Simão Infante de Sequeira Correia da Silva de Carvalho, 9.º senhor da Torre da Murta por ser filho da 8.ª senhora D. Joana Mauricia Correia da Silva e de seu marido Tristão Nunes Infante de Sequeira Lobo.

Do casamento de D. Maria Catherina de Lacerda descendem os

Barões de Sabroso largamente descritos no 2.º Volume da «Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal» por Antonio da Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baena. Lisboa 1890.

No 3.º Volume da «Historia e Genealogia» Lisboa 1915, publicou um desenvolvido estudo sobre a Familia Infante, onde vem biografica e documentalmentee estudados os seus diferentes ramos.

Casou João Antonio Lemos Pereira de Lacerda pela segunda vez em 1759 com D. Maria Ephigenia de Azevedo Coutinho França e Faro que nasceu em 2 de Agosto de 1743 e morreu em 24 de Junho de 1803, sendo filha de Antonio de Azevedo Coutinho, Cavalleiro da Ordem de Christo, Desembargador do Con-

celho do Ultramar e nomeado para o Desembargo do Paço, cargo que não chegou a desempenhar morrendo em 12 de Julho de 1776, e de sua 2.ª mulher D. Marcelina Perpetua de Mendonça França e Faro com quem casou em 14 de Maio de 1743. Esta Senhora já era viuva, sendo filha de Martinho de França e Faro, Capitão Mór de Benavente onde morreu em 10 de Junho de 1728. Fidalgo da Casa Real por Alvará de 2 de Dezembro de 1693 e de sua mulher com quem casou em 17 de Março de 1696 na Igreja do Espirito Santo de Santarem, D. Paula Maria de Cordova Pereira filha de José Nunes da Cunha, Capitão da Ordenança de Santarem e de sua mulher D. Isabel de Abreu e Cordova, filha de Francisco de Abreu e Cordova, Fidalgo da Casa Real e de sua mulher D. Antonia de Goes, filha de Miguel Fernandes e de sua mulher D. Isabel Cosme de Goes.

— José Nunes da Cunha, pae de D. Paula Maria de Cordova Pereira, era filho de Antonio da Cunha e de sua mulher D. Catherina Nunes, filha de Pedro Nunes, Escrivão das Cizas de Santarem.

— Martinho da França e Faro, pae de D. Marcelina Perpetua de Mendonça França e Faro, era filho de Bernardo da França e Faro, Fidalgo da Casa Real, Vereador da Camara e Provedor da Misericordia da Villa de Benavente e de sua mulher D. Maria de Mattos Garcia filha de Lourenço Raposo Pestana e de sua mulher D. Catherina de Macedo Paiva filha de João de Macedo Delgado, Veador do Duque d'Aveiro.

— Bernardo da França e Faro, pae de Martinho da França e Faro era filho de Martinho da França, Fidalgo



PEREIRA — De vermelho, com uma cruz de prata florenciada e vazia. *Timbre* — Uma cruz florenciada de vermelho, ladeada de duas azas de ouro estendidas.

PEREIRA — De gueules, à une croix d'argent florencée et vidée. *Cimier* — Une croix florencée de gueules, soutenue d'un vol éployé d'or.

da Casa Real pelos serviços que prestou na India, e de sua mulher D. Maria de Barros e Faro filha de Luiz Matheus Chane.

— Antonio d'Azevedo Coutinho, pae de D. Maria Ephigenia de Azevedo Coutinho França e Faro, era filho de Manuel Marques de Oliveira, Cavalleiro da Ordem de S. Thiago, Provedor de Miranda e Vianna, Desembargador do Paço, e de sua mulher D. Luiza Maria Pinto de Azevedo Coutinho, filha herdeira de Manuel de Azevedo Pinto Coutinho e de sua mulher D. Guiomar Ferreira de Carvalho. Este Manuel de Azevedo Pinto Coutinho era filho de Manuel de Azevedo Coutinho e de sua mulher D. Luiza Lopes Pinto, sendo este Manuel de Azevedo Coutinho, filho de Jeronymo de Azevedo Coutinho e de sua mulher D. Joanna Dias de Carvalho, irmã de Thomé Carvalho, Fronteiro-mór de Chaul e instituidor do Morgado da Cruz, em Soure.

Este Jeronymo de Azevedo Coutinho foi pae de Alvaro de Azevedo Coutinho que teve Carta de Fidalgo de Cota d'Armas que vem transcripta a paginas 603 do *Archivo Heraldico Genealogico* do Visconde de Sanches de Baena. Lisboa, 1872.

Tambem nas *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes do Seculo XIX* por João Carlos Feo de Cardoso Castello Branco e Torres e Visconde de Sanches e Baena. Lisboa, 1883, vem referencias á familia d'estes Azevedos Coutinhos, a paginas 745.

— Manuel Marques d'Oliveira, pae de Antonio de Azevedo Coutinho, era filho de Antonio Lopes de Oliveira e de sua mulher D. Margarida Pinto.

— D. Marcelina Perpetua de Mendonça França e Faro, mãe de D. Maria Ephigenia de Azevedo França e Faro, nasceu em Benavente em 2 de Junho de 1705 e falleceu em Lisboa em 11 de Outubro de 1788. Está sepultada na Ermida de Nossa Senhora do Rosario, á travessa da Veronica. Esta senhora foi casada em primeiras nupcias com seu primo com irmão, Affonso José Leitão de Sousa Pacheco, Capitão Mór de Benavente por patente de 13 de Outubro de 1729. Sargento Mór por patente de 22 de Maio de 1711. Vereador da Camara e Provedor da Misericordia da mesma Villa, onde foi o 11.º

Administrador do Morgado do Burro Mocho e 5.º da Capella de S. Bento.

D'este 1.º casamento de D. Marcelina Perpetua de Mendonça França e Faro, houve varia descendencia, vindo toda a familia descripta na obra citada *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes do Seculo XIX*, a pg. 153.

Do segundo casamento de João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda com D. Maria Ephigenia de Azevedo Coutinho França e Faro, houve :



LACERDA — Esquartelado : 1 e 4, de vermelho com um Castello de ouro ; partido de prata, com um leão do primeiro esmalte, armado do segundo ; 2 e 3, de azul com tres flores de liz de ouro. Timbre. — O leão do escudo

LACERDA - Ecartelé : aux 1 et 4, de gueules à un château d'or ; mi-parti d'argent, au lion du premier émail, arme du deuxième ; aux 2 et 3 d'Azur, à trois fleurs de lis d'Or. Cimier -- Le lion de l'écu.

10 — ANTONIO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA DELGADO que segue :

10 — D. Maria da Penha de França Pereira de Lacerda que nasceu em 2 de Setembro de 1762 e foi Açafta da Rainha Senhora D. Maria I. Casou em 2 de Julho de 1791 conforme acima disse com Nicolau Xavier de Figueiredo Mello de Bulhões Lemos Castello Branco que nasceu em 8 de Outubro de 1761 e morreu em 15 de Julho de 1821, tendo sido 1.º Barão de Beduido por decreto de D. João VI de 6 de Fevereiro de 1818. Foi 8.º senhor do Prazo de Beduido ; Guarda Roupa da Capella da Coroa do mesmo Rei com exercicio na Camara do Infante D. Pedro Carlos ; Commendador dos Bens de Rio Maior na Ordem de Christo, Senhor dos Foros de Alcoutim por Alvará de Merce de 5 de Setembro de 1806 etc. Era filho de João Pedro de Figueiredo Mello e Bulhões e de sua mulher D. Margarida Sofia Antonia de Lacerda Castello Branco, Dama da Rainha Senhora D. Maria I e filha herdeira de Antonio Carlos de Seixas Castello Branco, e de sua mulher D. Luiza Bernarda Telles de Vasconcellos, filha de Manuel Lemos Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Maria Michaela de Macedo como em sua altura disse.

Do casamento de D. Maria da Penha de França Pereira de Lacerda, 1.ª Baroneza de Beduido, houve :

11 — D. Maria Carlota que nasceu em 12 de Abril de 1792. Morreu sem mais noticia.

11 — D. Maria da Luz de Lemos Castello Branco que nasceu em 3 de Abril de 1794 e casou a vinte de Julho de 1826 com João de Brito Pereira Guedes, Fidalgo da Casa Real, senhor do Morgado de Mata-quatro em Portugal e do de Curca na India, que nasceu em 11 de Julho de 1796 e era filho de Antonio Maria de Brito Pacheco de Vilhena, Fidalgo da Casa Real, Coronel de Melicias de Costa, e de sua mulher D. Antonia Leonor Pereira Pinto Guedes d'Athaide Portugal. Deste casamento nasceram :

12 — Antonio Maria em 29 de Setembro de 1828.

Casou em 29 de Setembro de 1849 com D. Isabel Juliana Lobo da Silveira, 4.^a filha dos 9.^{os} Condes e 14.^o Barões do Alvito. Teve geração.

12 — *Nicolau* que nasceu em 28 de Maio de 1831. Bacharel em Direito sem mais noticia.

11 — *D. Maria da Penha* que nasceu em 23 de Outubro de 1827 e morreu em 28 de Fevereiro de 1859 tendo casado

11 — *Antonio Maria* que nasceu em 28 de Julho de 1795 e morreu em 1819 n'um naufragio entre Montivideu e Rio de Janeiro, quando no seu cargo de Ajudante d'Ordens de General Sebastião Pinto o acompanhava. Foi Capitão de Cavalaria e Commendador da Ordem de Christo.

11 — *João Maria de Figueiredo de Lacerda de Castello Branco* que nasceu em 2 de Dezembro de 1796 e morreu em 4 de Agosto de 1858. Foi 2.^o Barão de Beduido por carta de D. João VI de 25 de Novembro de 1823, 9.^o Senhor do Prazo de Beduido, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Commendador da Ordem de Christo, Senhor dos Foros da Villa de Alcoutim, Major de Cavalaria, Ajudante de Campo do Senhor D. Miguel, quando Comandante em Chefe do Exercito em 1823. Foi herdeiro de toda a casa de seus Paes. Casou em 27 de Abril de 1827 com sua prima D. Maria Francisca de Faria e Lacerda que nasceu em 2 de Abril de 1801 e morreu em 15 de Outubro de 1857, filha de João José de Faria Mascarenhas e Mello de Albuquerque, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Christo, Desembargador da Casa da Suplicação, 8.^o Senhor do Morgado da Golpilheira em Leiria e de sua mulher D. Maria da Piedade de Lacerda, filha de João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Maria Efigenia Pereira Coutinho como em sua altura digo.

Do casamento dos 2.^{os} Barões de Beduido nasceram :

12 — *D. Maria das Dores* em 7 de Agosto de 1833 e que morreu em Abril de 1835.

12 — *Nicolau Xavier* em 8 de Dezembro de 1834 e que morreu em 11 de Julho de 1847.

12 — *D. Maria Isabel* em 12 de Setembro de 1836, Moça do Côro no Mosteiro da Encarnação da Ordem de S. Bento de Avis.

12 — *D. Maria da Piedade* em 23 de Maio de 1838 e que morreu em 30 de Abril de 1852.

12 — *D. Maria Filomena* que nasceu em 27 de Julho de 1845 e morreu em 8 de Novembro de 1863. Casou em 26 de Dezembro de 1862 com Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho, Fidalgo da Casa Real. Nasceu em 27 de Outubro de 1837 e foi Senhor dos Morgados da Quinta da Avellêda, em Penafiel e das casas da Parada de Thodéa e da Batalha, no Porto. Não tiveram geração. Este Manuel Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho casou em segundas nupcias com D. Maria do Carmo de Faria Palha

filha de José Pedro de Faria Mascarenhas de Mello de Lacerda, irmão da 2.^a Baroneza de Beduido, D. Maria Francisca de Faria e Lacerda como em sua altura digo.

Era Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho, filho de Manuel Guedes da Silva Fonseca Meirelles de Carvalho, moço



Lemos, Pereira e Lacerda — Armas usadas de longa data pelos ascendentes dos Viscondes de Juromenha, existindo ainda hoje em poder da Ex.^{ma} Sr. D. Maria de Sousa de Lemos e Lacerda, o exemplar esculpido em pedra que assignava o Palacio da Quinta do Valle Formoso.

em 23 de Janeiro de 1856 com Antonio Paes de Sande e Castro, filho de Manuel Paes de Sande e Castro e de sua mulher D. Leonor Correia de Sá Benevides, 4.^a filha dos 5.^{os} Viscondes de Asseca.

Do casamento de D. Maria da Penha, nasceram :
D. Maria da Luz em 10 de Novembro de 1856 e Manuel Paes em 19 de Fevereiro de 1859.

Fidalgo da Casa Real que nasceu em 17 de Outubro de 1802 e morreu em 13 de Maio de 1870 e foi Comendador de Carlos III e Isabel a Católica de Espanha. Tenente Coronel de Melicias de Penafiel. Casou em 25 de Setembro de 1830 com D. Maria Leonor da Camara filha herdeira de D. Manuel Maria Gonçalves Zarco da Camara que nasceu em 10 de Maio de 1875 e morreu a 16 de Novembro de 1825 e foi Vice Rei da India, Coronel de Cavalaria, filho dos 6.^{os} Condes da Ribeira, e de sua mulher D. Maria Thereza José de Mello que nasceu a 8 de Novembro de 1800 e morreu a 9 de Agosto de 1845, filha dos 2.^{os} Marquezes de Sabugosa e 8.^{os} Condes de S. Lourenço etc. etc.
D. Maria Leonor da Camara, mãe de Manuel

1872 a 1876. Casado com geração, sem mais noticia.

11 — *José Maria*. Nasceu a 18 de Março de 1800 e morreu a 30 de Março de 1828. Foi Tenente da Cavalaria.

10 — *D. Maria da Piedade de Lacerda*, 3.^a na ordem dos filhos de João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda (9) e de sua mulher D. Maria Efigenia de Azevedo Coutinho França e Faro.

Nasceu em 11 de Junho de 1765 e morreu a 6 de Dezembro de 1836 tendo sido Açafta da Rainha D. Maria I.

Casou com João José de Faria Mascarenhas e Mello de Albuquerque, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Christo, Desembargador da Casa da Suplicação servindo de Ajudante de Procurador Geral da Corça. Foi 8.^o Senhor do Morgado da Golpilheira em Leiria.

Do casamento de D. Maria da Piedade de Lacerda, nasceram



1.^a Viscondessa de Jeromenha
Reprodução d'uma miniatura assignada por Biffeld I. 1834



1.^o Visconde de Jeromenha
Reprodução d'uma miniatura

Pedro Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho foi elevada a Condessa da Villa de Pangim na India por decreto de 29 de Setembro de 1829, não tendo sido porem reconhecida tal merce pelo Governo Constitucional, por ter sido dada pelo Rei Sr. D. Miguel.

11 — *D. Maria Margarida de Figueiredo de Lacerda de Castello Branco*. Nasceu a 3 de Dezembro de 1797 e casou em 1829 com João de Barros Teixeira de Souza, Fidalgo da Casa Real. Rico proprietario de Chaves. Bacharel em Leis. Sem mais noticia.

11 — *Francisco Maria*. Nasceu em 28 de Janeiro de 1799 Fidalgo da Casa Real. Capitão de Cavalaria do Exercito. Casou a 17 de Julho de 1826 com D. Amelia Godair que nasceu a 2 de Agosto de 1800 filha de Hugo Godair, negociante em Lisboa, e de sua mulher D. Maria Isabel Godair.

Do casamento de Francisco Maria e de D. Amelia Godair nasceram:

12 — *João Maria* em 27 de Agosto de 1827.

12 — *D. Maria da Conceição* em 27 de Dezembro de 1829.

12 — *D. Maria da Luz* em 6 de Agosto de 1832.

12 — *Hugo Godair* em 2 de Julho de 1836, Major de Infantaria. Governador de Timor e Solor desde

11 — *José Pedro de Faria Mascarenhas e Mello de Lacerda* a 28 de Junho de 1796 que morreu a 7 de Agosto de 1844. Casou em 18 de Abril de 1836 com D. Maria da Piedade Palha de Faria Lacerda que nasceu em 15 de Fevereiro de 1820. Esta senhora era viuva do seu tio Estevão José Pereira Palha de Faria Lacerda, que morreu em 16 d'Agosto de 1861, sendo Fidalgo da Casa Real, com quem tinha casado em 10 de Setembro de 1857.

Do casamento de José Pedro, nasceu:

12 — *D. Maria do Carmo de Faria Palha* em 13 de Janeiro de 1838. Casou em 29 de Julho de 1868 com Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho, já viuvo de D. Maria Filomena 6.^a filha dos 2.^{os} Barões de Beduido conforme digo na sua altura.

Do casamento de D. Maria do Carmo de Faria Palha, nasceram: Manuel Guedes em 17 de Agosto de 1869 e Francisco Guedes em 28 de Janeiro de 1871.

11 — *D. Maria Francisca de Faria e Lacerda* que pelo seu casamento foi a 2.^a Baroneza de Beduido conforme exponho na sua altura.

10 — *Carlos Daniel O'Daly de Lacerda* que foi Monsenhor do Patriarchado de Lisboa.

10 — *Martinho da Fonseca e Faro de Lacerda* Tenente Gene-

ral. Foi pae de D. Maria da Madre Deus de Lacerda, 4.ª Marquiza de Soudos e 4.ª Viscondessa de Santo Antonio do Cartaxo pelo seu casamento com Antonio Xavier Pereira Coutinho Pacheco de Vilhena Pato de Novaes Pimentel, Cavaleiro Fidalgo de D. Maria I por Alvará de 13 de setembro de 1783, Senhor dos direitos Reaes do Cartaxo e Val da Pinta, no Morgado dos Soudos e da Casa dos Patos em Alcocheté. Primeiro Tenente da Armada, grande de Espanha de 1.ª classe, etc.

Os 4.ªs Marquizes de Soudos foram paes de D. Martinho de França Pereira Continho que nasceu em 17 de setembro de 1822 e casou em Santo Estevão de Alfama de Lisboa em 17 de setembro de 1850, com D. Maria da Penha de França Baena Falcão de Magalhães e tiveram descendencia conforme desenvolvidamente se vê a paginas 727 das «Memorias Historicas e genealogicas dos Duques Portugueses do seculo XIX» já citadas.

10 — *Diogo de Lemos de Lacerda* sem mais noticia.

10 — *D. Maria da Madre de Deus Pereira de Lacerda* que casou com Antonio José Correia da França Mariz Sarmento. Não tiveram filhos.

10 — *D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda* que casou com Gaspar Cota Falcão Aranha de Sousa e Menezes, sem descendencia.

10 — *D. Maria da Graça Pereira de Lacerda* que casou com D. Paschoal Tenorio Moscozo e foram paes de :

11 — *D. Pedro Tenorio Moscozo* que foi Tenente Coronel do Exercito.

11 — *D. Maria Magdalena Tenori Moscozo* que casou com Antonio da Cunha Souto Maior que no trabalho citado do Sr. Marquez de Faria, aparece com o titulo de 1.º Visconde de Souto Maior.

11 — *D. Maria da Conceição Tenorio Moscozo* que casou com Antonio de Sousa Pereira Coutinho de Moraes Sarmento, Senhor do Morgado de Villar de Perdiges.

10 — *D. Maria da Luz Pereira de Lacerda* que casou com Antonio d'Azevedo Coutinho sem mais noticia.

10 — *D. Maria da Conceição Pereira de Lacerda* que casou com Manuel Pereira d'Azevedo Coutinho Lemos e Ramalho, Desembargador e filho do Dr. João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, irmão do Bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, Reitor da Universidade de Coimbra. Foram estes ultimos dois, grandes amigos de Marquez de Pombal.

Do casamento de D. Maria da Luz Pereira de Lacerda houve :

11 — *Francisco de Lemos Ramalho de Azevedo* que nasceu em Lisboa a 16 de novembro de 1812 e morreu em Condeixa em 1895. Melltando no Partido do Rei

D. Miguel I, foi agraciado com o titulo de Conde de Condeixa.

Foi pae de Manuel Ramalho que deixou descendencia.

Voltando aos filhos de João Antonio Lemos Pereira de Lacerda, temos :

10 — *D. Maria Guadalupe Pereira de Lacerda* que casou com Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento. Sem descendencia.

10 — *D. Maria Antonieta Pereira de Lacerda* que casou com Francisco Pereira de Moraes Sarmento sem mais noticia.

10 — *D. Maria d'Arrabida Pereira de Lacerda* que morreu solteira.



Victor Francisco Maria Perrin. 3.º Duque de Bellune

10 — ANTONIO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA DELGADO — filho premo-genito de João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda (9).

Nasceu em 2 de Dezembro de 1761. Moço Fidalgo da Casa Real com exercicio por Carta de 6 de Abril de 1769. 14.º Senhor do Morgado do Valle Formoso instituido em 18 de Janeiro de 1398. 1.º Visconde de Juromenha por decreto de 17 de Dezembro de 1815. Comendador das Ordens de Aviz, da Torre e Espada e de Nossa Senhora da Conceição. Condecorado com a Granada d'Ouro pelas Companhas da Catalunha e Rosilhon, com a Medalha da Campanha n.º 5 da Guerra Peninsular conferida pelo Rei de Inglaterra.

Com a Legião d'Honra. Com a Medalha de seis batalhas e com a de Albuera e Victoria pelo Rei de Espanha. Inspector geral das Ordenanças do Reino. Secretario das immediatas resoluções. Governador da Torre de S. Vicente de Belem. Tenente General. Secretario militar durante toda a guerra. Foi o primeiro Alcaide-Mor de Juromenha. Sentou praça em 1776. Alferes em Maio de 1782, Tenente em 1789. Capitão pelo seu oferecimento para fazer parte da Divisão auxiliar á Hespanha, sendo agregado ao Regimento de Peniche. Este ultimo posto foi-lhe considerado efectivo em 1794. Em 1797 foi colocado com o posto do major na Legião de Tropa Ligeira. Foi nomeado Governador dos Rios de Sena e Sofala. Em 1802 foi promovido a Tenente Coronel. Em 1803 foi agregado á primeira

plana da Corte. Em 1807 comandava a Legião de Tropa Ligeira, quando Jenot entrou em Portugal.



D. Maria Joana de Lemos Pereira de Lacerda casada com Jacome Boreel

Quando Beresford tomou o Comando em Chefe do Exercito Português, foi Antonio de Lemos Pereira de Lacerda Delgado, promovido a Coronel e nomeado Secretario Militar de El-Rei, cargo que exerceu até á Revolução de 1820, indo por vezes tratar de importantes assumptos á Corte do Rio de Janeiro. Foi promovido sucessivamente. Em 1813 era Tenente General. Morreu em 9 de Agosto de 1828.

Casou na Igreja de S. Vicente de Fora em Lisboa no dia 4 de Julho de 1802 com D. Maria da Luz Whilloughby da Silveira natural da freguesia de S. Lourenço de Carnide onde nasceu a 17 de Outubro de 1787 e morreu a 23 de Janeiro de 1861 sendo filha de Francisco Xavier Whilloughby de Araujo e de sua mulher D. Anna Leonor da Silveira que já era viuva, sendo filha de João Rodrigues Esteves Coelho e de sua mulher D. Antonia Rita da Silveira filha de Manuel Felix da Silveira e de sua mulher D. Leonor de Carvalho.

D. Maria da Luz Whilloughby da Silveira depois de viuva do 1.º Visconde de Juromenha e terminada a guerra da successão (em Dezembro de 1834), passou a residir em Roma onde casou em segundas nupcias com Francisco Belem que foi Moço Fidalgo do Rei D. João VI, Cavaleiro e Comendador da Ordem de Christo, Tenente Coronel de Cavalaria do Exercito do Rei D. Miguel I e filho de José Emydio Belem e de sua mulher D. Mariana Emilia Morley. Deste segundo casamento da 1.ª Viscondessa de Juromenha não houve descendencia.

D. Ana Leonor da Silveira, mãe da referida 1.ª

Viscondessa, teve do seu primeiro casamento com João Guedes Vilhegas de Quinhones Mattos Cabral, os seguintes filhos; Antonio Guedes Quinhones Mattos Cabral que casou com D. Maria Gertrudes de Portugal da Silvelra com geração; Joaquim Guedes de Quinhones Castello Branco que casou com D. Angelica Maxima d'Azevedo Soares Brandão com geração e Francisco Guedes de Quinhones Castello Branco.

— João Rodrigues Esteves Coelho, pae de D. Anna Leonor da Silveira, era filho de Estevão Rodrigues Coelho e de sua mulher D. Anna de Mello.

— Francisco Xavier Whilloughby de Araujo, pae de D. Maria da Luz Whilloughby da Silveira, 1.ª Viscondessa de Juromenha, éra Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Christo, Sargento-mor de Cavalaria, Cavaleiro da Ordem de Aviz, e filho de Jorge Whilloughby de Araujo e de sua mulher D. Ignacia Caetana Xavier da Silva, filha de Ambrosio da Silva, Thesoureiro do Conselho Ultramarino natural de Viana do Castello, e de sua mulher D. Rosa Maria de Santo Antonio.

— Jorge Whilloughby de Araujo, pae de Francisco Xavier Whilloughby de Araujo, éra Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Christo e filho de Manuel Ribeiro d'Araujo, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Christo e de sua mulher D. Maria Whillou-



Theodoro Gustavo Boreel ainda criança. Reprodução d'um quadro a oleo

ghby de nacionalidade Inglesa, neto de Antonio Ribeiro de Araujo, Moço Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro de Christo, Governador de Sofála, onde morreu e de sua mulher D. Margarida Henriques Pacheco, 2.º neto de Manuel Alvares Ribeiro, natural de Porto de Mós, Capitão de Navios e de sua mulher D. Maria de Araujo filha de João; Araujo que nasceu na parochia de S. Thiago de Lisboa e de sua mulher D. Maria Rodrigues, natural da mesma parochia.

Do Casamento de Antonio de Lemos Pereira de Lacerda Delgado com D. Maria da Luz Whiloughby da Silveira, 1.ª Viscondes de Juromenha, houve :

11 — *D. Maria do Carmo* que nasceu em Lisboa a 13 de Julho de 1803 e morreu solteira na mesma cidade em 27 de Abril de 1881.

11 — *D. Maria da Penha* que nasceu em Lisboa em 16 de Outubro de 1804 e morreu em Tours (Indrét-Loire) França, em 24 de Agosto de 1879, tendo casado em 18 de Fevereiro de 1827 com o Duque e Marquez de Bellune, Francisco Victor Perrin, Cavaleiro das Ordens da Conceição e da Legião de Honra, que nasceu em 24 de Outubro de 1796, sendo filho herdeiro do Duque de Bellune, Claudio Victor Perrin, Par e Marechal da França, Grau Cruz da Ordem do Santo Espírito, de S. Luis e S. Miguel, etc, e de sua mulher a Duquesa Josefina Muguet.

Do Casamento de D. Maria da Penha de Lemos Pereira de Lacerda com Francisco Victor Perrin, 2.º Duques de Bellune, houve :

12 — *Victor Francisco Maria*, 3.º Duque de Bellune.

Nasceu em Lisboa a 5 de Maio de 1828 e batizou-se no dia 15 de Junho seguinte na Paroquia d'Ajuda conforme consta de folhas 287 verso do Livro 28 dos assentos de batismo da mesma freguesia.

Foi secretario da Legação de França em Lisboa e encarregado dos negocios da Embaixada de França em Roma em 1862. Casou em 4 de Novembro de 1863 com D. Maria Luiza Jenny Cossart d'Espies, que nasceu em 21 de Junho de 1838, filha dos Viscondes de Cossart d'Espies.

Deste casamento dos 3.ª Duques de Bellune, houve :



Os quatro filhos de Theodoro Gustavo Boreel e de sua mulher D. Jaquelina Boreel

13 — *D. Joana Victoria Maria Edmunda* que nasceu em Saint Germain em Laye no dia 20 de Outubro de 1864 e morreu solteira em França em 1929.

Foi Viscondessa de Jerumenha por Decreto do Rei de Portugal, de 12 de Abril de 1888 e auctorisação da Ex.ª Senhora D. Maria de Sousa de Lemos e Lacerda, actual illustre representante dos Viscondes de Juromenha conforme adiante direi.

13 — *D. Bertha Julia Antoniette* que nasceu em Tours em 15 de Dezembro de 1867 e casou em Paris na Egreja de Saint Pierre de Chailot em 11 de Maio de 1891 com Fernando Maria Désiré, Conde de Werry de quem nasceu: Victor Werry de Hults em 5 de Fevereiro de 1892, Robert que nasceu em 14 de Junho de 1893, Ellane em 15 de Maio de 1897 e Simone em 25 de Fevereiro de 1901, todos em Paris.

12 — *D. Maria Luiza* nasceu em Lisboa em 30 de Abril de 1829 e morreu na mesma cidade em 24 de Março de 1833.

12 — *Antonio Maria* que nasceu em Lisboa em 13 de Dezembro de 1830 e morreu em Versailles em 7 de Maio de 1857.

12 — *D. Victorina Maria* que nasceu em Lisboa em 11 de abril de 1832. Casou em 23 de junho de 1859 com o capitão de Estado Maior do Exercito Francez, Cesar Renée Anot de Maizière e foram paes de Filipe Gastão Mauricio nascido em Versailles em 10 de junho de 1862.

12 — *D. Henriqueta Maria Fernanda* que nasceu em Cintra em 26 de junho de 1833 e morou na Praça de St. Gregoire n.º 1 bis em Tours, França.

12 — *Eugénio Victor* que nasceu em Paris em 13 de fevereiro de 1835 e morreu em 2 de maio de 1861 na Cochinchina, sendo 2.º Tenente de Caçadores a pé, distinguindo-se no ataque de Kihva pelo que foi agraciado com a Legião d'Honra que não chegou a receber por já ter morrido com uma febre pernicioso adquirida na expedição de Milho.

12 — *D. Lusía Estefania Josefina* que nasceu em Paris em 2 de dezembro de 1837 e morreu em Versailles em 21 de setembro de 1856.

12 — *Julio Augusto Maria, Marquez de Bellune* que nasceu em Paris em 8 de outubro de 1839 e foi conego da Egreja Metropolitana de Tours.

12 — *D. Maria Thereza* que nasceu em Paris em 19 de

março de 1840 e morreu em Dinard em 20 de setembro de 1902.

12 — *D. Gabriella Maria* que nasceu em Versailles em 7 de fevereiro de 1844 e morreu em Bruxellas em 13 de fevereiro de 1852.

11 — *D. Maria Joana*, terceira na ordem dos filhos dos 1.^{os} Viscondes de Juromenha, que nasceu em 17 de novembro de 1805 e casou duas vezes, sendo a primeira em 25 de abril de 1827 com Jacome Boreel, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Hollanda em Lisboa. Morreu Jacome Boreel em Outubro de 1834, sendo filho de Joaquim Boreel e de Joana Wact van Wissen.

Deste primeiro matrimonio de D. Maria Joana nasceram;

12 — *Henrique Boreel* que morreu em Lisboa com 3 anos de

11 — JOÃO ANTONIO DE LEMOS PEREIRA DE LACERDA que segue;

11 — *Antonio de Lemos* que nasceu em 7 de fevereiro de 1809 e morreu solteiro em Paris em 8 de janeiro de 1838. Foi adido da Legação de Portugal em Londres.

11 — *Guilherme de Lemos Pereira de Lacerda* que nasceu em 30 Novembro de 1812. Foi Capitão de Infantaria da Guarda Real Inglesa. Casou em Inglaterra com uma senhora da Família Campbell e foram paes de:

12 — *Elisa Campbell* que casou com Edmundo Calvert e tiveram dois filhos: Felix e Walter.

11 — *D. Maria da Luz* que nasceu em 6 de setembro de 1814 e casou no dia 30 de novembro de 1837 com Augusto de Sousa da



Jacquelina Boreel casada com Theodose Gustave Boreel



Theodoro Gustavo Boreel

idade.

12 — *Theodoro Gustavo Boreel* que em 1883 estava em Java. Casou com D. Jaquelina Boreel e tiveram quatro filhos sem mais noticia.

O segundo casamento de D. Maria Joana foi em 25 de março de 1835 com Eduardo Maria José Artan de S. Martin que nasceu em 12 de maio de 1800, Cavalleiro da Ordem de S. Guilherme, condecorado com a medalha de Bronze da Hollanda, Capitão ajudante do Campo do Principe Frederico de Orange.

Eduardo Maria Jose Artan de S. Martin, era filho de Luiz Maria Artan, Escudeiro, Senhor do Nil S. Martin e da Barónia de Jauce no Brabante e de sua mulher Cecilia Joana Ursula Ana Francisca Albertina Ghislaine Le Gros de Jucourt, da casa de Bellune.

Do segundo casamento de D. Maria Joana houve:

12 — *Eduardo Victor Artan* nascido na Belgica. Em 1883 estava em Java.

12 — *Luiz Artan*, nascido na Belgica.

Silva Alcoforado, moço Fidalgo que nasceu em 14 de Agosto de 1808, 2.^o filho de Rodrigo Xavier de Sousa Alcoforado de Lencastre, moço Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Aviz e Major de Cavalaria, e de sua mulher D. Maria do Carmo de Araujo Eça de Mello Henriques da Veiga, senhora da Casa do Corpo da Guarda na cidade do Porto e do Morgado das Ruivas em Alcaçer do Sal.

Deste casamento de D. Maria da Luz houve:

12 — *D. Maria de Sousa de Lemos e Lacerda* que nasceu em Maisons Laffitte em 6 de outubro de 1846, actual representante em Portugal dos Viscondes de Juromenha, auctorisando em 1888 que fosse dado n'uma só vida, o titulo de Viscondessa de Juromenha a sua sobrinha filha dos Duques de Bellune, D. Joana Victoria Maria Edmundo de Bellune.

Esta senhora D. Maria de Sousa de Lemos e Lacerda, vive em 1930 em Lisboa na rua de Santa Marinha n.^o 13. A' sua amabilidade devo o favor da publicação dos retratos que illustraram este estudo

santissimo padre Pio IX. Lisboa, Typ. de G. M. Martins. 1869. 8.º de 16 paginas.

— *O isthmo de Suez e os portuguezes.* Lisboa, Typ. Rua do Bemfornoso. 1870. 8.º grande. de X + 49 paginas.

— *Lucrecia Borgia.* Parte deste estudo foi publicado no Jornal «A Nação» n.º 9070 de 15 de Junho de 1875.

— *Resposta á obra do Sr. Latino Coelho «Camões».* Publicado no Tomo I da Galeria dos varões illustres. Edição de David Corazzi.

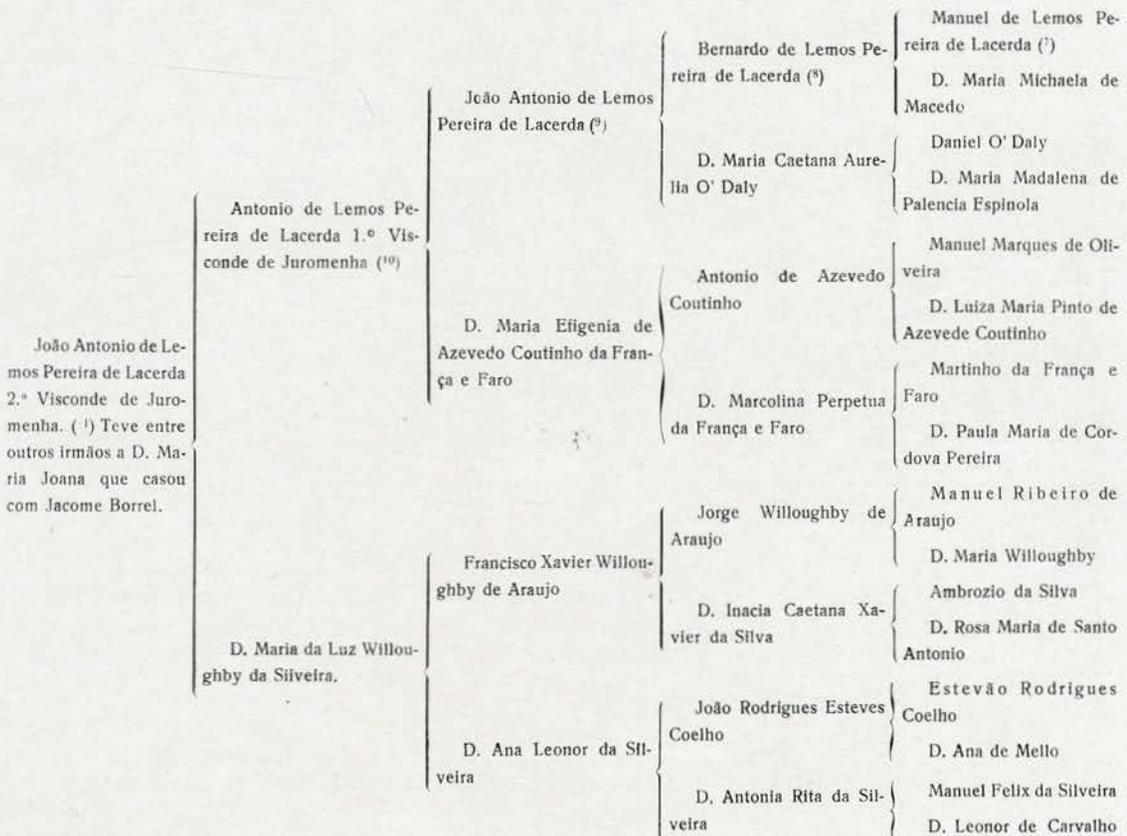
— *Angelberg. Fragmento de viagem.* Oposculo.

— *O leão e o burro.* Conto Chinez.

— *Onde está a liberdade?* Oposculo politico.

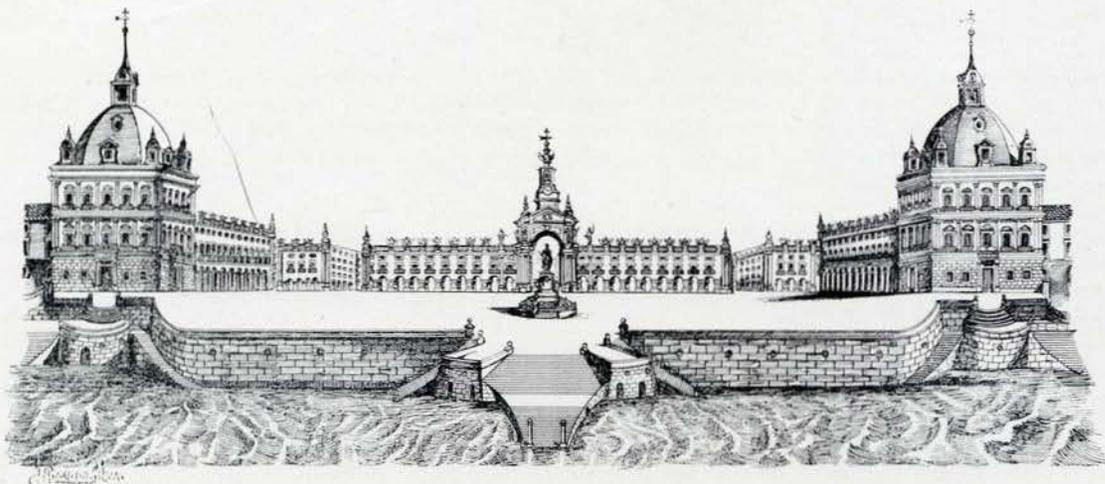
*
* * *

Aqui ficam estes elementos para quem desejar dar maior desenvolvimente a tão interessante e historica Familia.



Cintra — Julho 1930





UMA VISTA PANORAMICA DE LISBOA DOS FINS DO SECULO XVIII

Comunicação feita na Associação dos Archeologos Portuguezes em sessão de 26 de junho de 1930.

POR mereo acaso foi salva do exterminio a vista panoramica de Lisboa que em photographia acompanha o presente artigo. Estavam uns garotos preparando-se para recortar o papel segundo o perfil das casas, n'uma terra nos arredores de Vizeu, quando acertou de o sr. Luciano Freire ter conhecimento do facto, pelo que adquiriu aquella vista em 1914, com destino ao Conselho de Arte e Archeologia, do qual é illustre presidente, e onde actualmente se encontra, devidamente encaixilhada e bem guardada para a sua conservação futura.

E' um desenho aguarellado a tinta da China, feito em 6 folhas de papel unidas, medindo 3^m,615 de comprimento por 0^m,27 de altura; mas evidentemente falta o seguimento do panorama para o lado direito, isto é, do nascente, ou porque não chegou a fazer-se, ou porque se extraviou lamentavelmente.

N'estas 6 folhas abrangem-se cerca de 2 km contados ao longo da linha marginal, e para completar o panorama de Lisboa para o nascente faltariam umas 4 folhas das mesmas dimensões das que se conservam.

O local onde se postou o desenhador foi na margem sul do Tejo, em Cacilhas, a uns 200^m do sitio do pharol para jusante. Esse ponto fica sensivelmente normal e a meio do plano da perspectiva do panorama que elle pretendia tirar.

E' desconhecido o desenhador, porventura um architecto; mas incontestavelmente era elle um artista de muito merecimento, observador e minucioso. A perspectiva e os detalhes architectonicos semelham perfeitamente os obtidos pela photographia, como é facil verificar pelo grande numero de edificios ali representados, que ainda hoje se conservam. Attendendo á distancia a que se achava, devia o desenhador estar munido com um bom oculo, e porventura com uma prancheta e uma alidade.

Devido a estas apreciaveis qualidades do artista, pudémos fixar approximadamente a data da feitura do quadro.

N'elle não foi desenhada a Igreja do Convento do Coração de Jesus, ou da Estrella, cuja primeira pedra foi lançada em 1779, vindo-se porém nitidamente a fachada do proximo Convento de N. S.^a da Estrella, onde hoje é o Hospital Militar de Lisboa.

A Capella de N. S.^a de Monserrate, que já se vê por baixo de um dos arcos do Aqueducto das Aguas Livres, ás Amoreiras, tem na cruz de azulejo que está nas costas do altar-mór, do lado da Rua das Amoreiras, a data de 1767; os auctores que escrevem sobre este assumpto dizem que foi a capella inaugurada em 1773.

No horisonte projecta-se, na ultima folha dos dese-

rencias designaremos pelos algarismos romanos I a V os 5 fragmentos em que foi necessario dividir a photographia para terem cabimento nas paginas d'esta publicação.

*
* *

As igrejas parochiaes que no desenho estão representadas são as seguintes:

Egreja antiga da Lapa (III), na Rua da Lapa, erecta em parochia em 1770, tendo ao lado direito o extinto convento com 11 janellas alongadas, no qual está hoje

I - DESDE O PALACIO DO FIUZA EM ALCANTARA ATÉ AO PALACIO DO CONDE DE OBIDOS



Palacio do Fiuza

Baluarie de Alcantara

Mosteiro do Sacramento

Convento e Palacio de N. S.^a das Necessidades

Furnas e fornos de cal

Convento de S. Francisco de Paula

Convento de S. João de Deus

Ermida dos Prazeres

Palacio do Conde d'Obidos

nhos, uma torre, que ou representa a cupula da igreja Patriarchal, se acaso a tinha, ou mais provavelmente a torre dos sinos da mesma igreja; estas construcções existiram no sitio onde é actualmente a Praça do Rio de Janeiro.

Ignora-se a data em que foi construida a torre, mas tendo as obras da igreja começado por 1757, devemos admitir que é posterior a este anno a data da erecção da torre, a qual, sendo de madeira, já carecia de ser escorada em 1764, por estar bastante apodrecida, tendo ardidido em 1769.

Confrontando todas estas datas, deveremos collocar entre os annos de 1767 e 1769, a epocha da feitura do desenho, até que novos factos ou argumentos permittam fixar outra data.

*
* *

Vamos chamar a attenção para algumas particularidades do desenho, pelas quaes se pode fazer mais rapidamente a orientação do leitor; e para facilitar as refe-

installado o Asylo da Lapa. A parochia foi transferida, em junho de 1887, para a Igreja da Estrella.

Egreja de Santos-o-Velho (III), cujo adro deita sobre uma elevação de terreno, na qual se rasgou mais tarde a Rampa de Santos. Vê-se uma porta abrindo sobre uma escadaria, predecessora das actuaes Escadinhas da Praia, onde ella ia desembocar.

Egreja de S.^{ta} Izabel (IV), fundada em 1742, então ainda por acabar. Falta-lhe a torre do lado oriental, estando a do lado occidental na mesma phase de construcção que ainda se vê no desenho de Luiz Gonzaga Pereira, feito pelo anno de 1840. (1)

Egreja antiga de S.^{ta} Catharina (V), no alto de S.^{ta} Catharina, reparada depois do terremoto de 1755. Ahi permaneceu a parochia até ao anno de 1835, em que se transferiu para a Igreja dos Paulistas na Calçada do Combro. A antiga igreja arruinou-se, e no seu local construíram os industriaes José Pedro Collares e Thomaz

(1) *Monumentos Sacros de Lisboa*, editado pelas Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, em 1927.

Pedro Collares, por 1865, o lindo palacete que lá se vê, que é actualmente do industrial Alfredo da Silva.

Egreja dos Paulistas (V), parochial da freguesia de S.^{ta} Catharina desde 1835, como acabamos de dizer; d'esta igreja avistam-se apenas as duas torres sineiras e o frontão, por sobre os telhados de dois palacetes do começo da Rua de Santa Catharina, que ainda se conservam sensivelmente com o mesmo aspecto.

Os conventos e mosteiros então existentes que o desenhador representou no seu quadro, e que se veem mais nitidamente, são os seguintes:

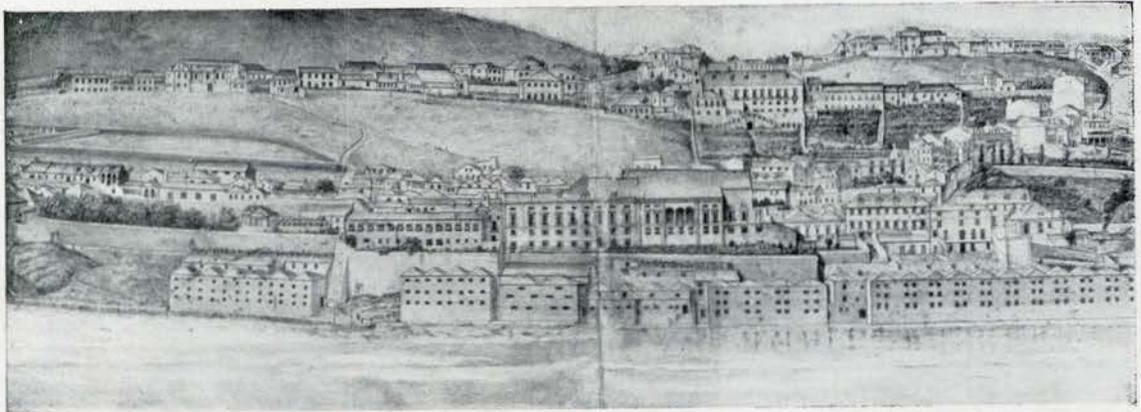
Convento de N. S.^a das Necessidades, dos Congre-

Convento de S. Francisco de Paula (I), de Religiosos Minimos, na Rua Presidente Arriaga, antigamente Rua de S. Francisco de Paula, fazendo esquina para a Rua Ribeiro Sanches. A igreja, que ainda se conserva com a mesma invocação, vê-se do lado direito do convento.

Convento de S. João de Deus (I), de Religiosos Hospitalarios, quasi fronteiro á igreja antecedente, e que actualmente é quartel do 2.^o batalhão da Guarda Nacional Republicana; mostra uma esplanada ou terraço avançando sobre o rio, que ainda existe; a igreja é o corpo do edificio em cuja empena se veem duas janelas em quarto de circulo.

Mosteiro de S.^{to} Alberto ou das Albertas, de Religiosas Carmelitas Descalças (II), com 14 janelas para a banda do rio, e uma extensa cerca ao poente; esta foi transformada no jardim chamado das Albertas, que

II — DESDE A CERCA DO CONVENTO DAS ALBERTAS (HOJE JARDIM) ATÉ Á TRAVESSA DE JOSÉ ANTONIO PEREIRA



Palacio na
R. do Pao da
Bandeira
Quinta da Arriaga

Mosteiro de
S.^{to} Alberto

Palacio das Janelas Ver-
des ou da Imperatriz

Palacio da Lega-
ção da China

Predio da R. das
Janelas Verdes

gados do Oratorio de S. Filippe Neri (I), em Alcantara, do qual se avistam duas fachadas, uma com 6 e outra com 8 janelas em cada andar. N'elle é hoje a séde do Governo Militar de Lisboa.

Mosteiro do Sacramento (I), de Religiosas Dominicanas, na Rua do Sacramento, a Alcantara, assentando sobre um terrapleno junto ao baluarte de Alcantara. A fachada que se ergue sobre a muralha da Rua Tenente Valadim, com 2 janelas grandes em cima e duas pequenas por baixo, era o refeitório das freiras; a frente voltada para o nascente tinha, entre duas janelas, um corpo um pouco saliente, com uma cruz, provavelmente de azulejo, que já foi tirada; contigua fica a igreja, com a capella-mór oitavada, e uma cupula quadrada; as cellas do convento veem-se á esquerda. O edificio está hoje servindo de Deposito Geral de Material de Aquartellamento, e n'uma pequena parte funciona o Registo Civil do 4.^o Bairro de Lisboa.

é um dos miradouros sobre o mar, mais interessantes da nossa Lisboa. A igreja, que não foi demolida, fica contigua ao palacio do Museu de Arte Antiga, e o convento foi arrazado para a construcção de novas dependencias do mesmo museu.

Convento de N. S.^a dos Remedios ou dos Mariannos, de Religiosos Carmelitas Descalças (III), no começo da Rua das Janelas Verdes; construcção muito extensa, mostrando no desenho, no andar superior, além de 11 janelas, uma arcada com 5 vãos, que já não existe. Da igreja apenas se avista a janella superior da fachada, o frontão com um oculo circular, e os 2 remates esphericos que o ladeiam. O convento pertence actualmente a particulares, estando installada no 1.^o andar uma pensão «York House»; a igreja foi adaptada a templo protestante.

Mosteiro de N. S.^a da Soledade, ou das Trinas, de Religiosas Trinas Recoletas (III); é a enorme construcção

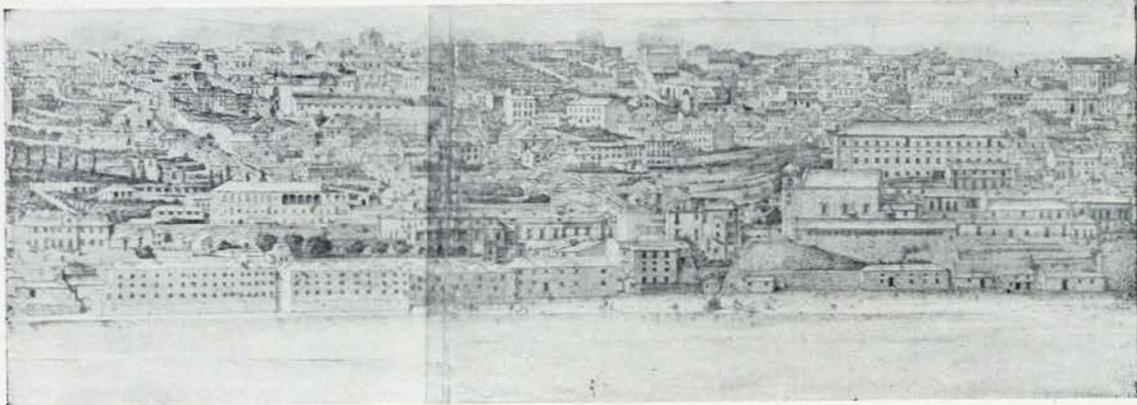
que se observa por cima da igreja de Santos, com varios andares, e 16 janellas em cada um. Estão actualmente n'elle installados o Archivo de Identificação de Lisboa e o Laboratorio Electro-Technico da Administração Geral dos Correios e Telegraphos; e além d'isso serve de moradia a viúvas de officiaes, e a muita gente pobre.

Mosteiro de N. S.^a da Nazareth, ou das Bernardas, (IV), de Religiosas Recoletas de S. Bernardo; vê-se quasi completamente reduzido a ruinas, como provavelmente o deixou o terremoto de 1755. Foi reconstruido, assim como a sua igreja, depois da época em que se dese-

Mosteiro de S.^{ta} Brigida, de religiosas vulgarmente chamadas inglezinhas (IV), situado na Rua do Quelhas; em 1864 foi adquirido pelos jezuitas para sua residencia em Lisboa, onde estiveram até á sua expulsão em 1910; hoje serve de archivo, bibliotheca e museu das congregações. (1)

Mosteiro do Santo Crucifixo, de Religiosas Capuchas chamadas Francesas da Primeira Regra de Santa Clara, vulgarmente conhecidas por Francesinhas (IV), no antigo Caminho Novo, á esquina para a Calçada da Estrella. O convento foi arrazado logo depois da revolução de 1910, e a igreja está actualmente (fevereiro de

III — DESDE O PALACIO DE MARQUEZ DE POMBAL, NA RUA DAS JANELLAS VERDES, ATÉ AO EXTREMO DO PALACIO DO MARQUEZ D'ABRANTES



Palacio do Marquez de Pombal

Egreja da Lapa Asylo da Lapa

Convento dos Mariannos

Palacio do Visconde de Asseca

Palacio dos Condes de Murça

Terminação superior da Rua das Trinas

Egreja de Santos-o-Velho

Palacio do Marquez d'Abrantes

Convento de N. S.^a da Estrella

Palacio da Condessa de Sarmento

nhou o quadro, sendo habitado actualmente por numerosas familias proletarias.

Convento de N. S.^a da Estrella, no Largo da Estrella, de frades Benedictinos (III); n'elle se acha installado o Hospital Militar Principal de Lisboa, e a delegação n.º 2 da Pharmacia Central do Exercito; no mesmo funcionou, em seus começos, a Real Academia de Desenho, de Historia e de Architectura, a que se annexou a Aula de Esculptura; a igreja, actualmente profanada, está situada ao meio da ala voltada para poente, que é a que se vê no desenho.

Convento de N. S.^a da Porciuncula, de Religiosos Capuchos Francezes, vulgarmente chamados Barbadiños (IV); ficava situado na Rua da Esperança, onde funciona desde 1912 o balneario da S.^{ta} Casa da Misericordia de Lisboa (n.ºs de policia 49 a 55); vê-se no desenho á esquerda de um predio alto com 3 pavimentos e 11 janellas, e foi completamente remodelado, pois que não soffreu *fracasso nem ruina com o fatal terremoto*.

1930) a ser demolida, para regularisação das vias publicas que n'aquelle sitio convergem. O desenho mostra a fachada, com o seu grande portal em arco, com baixos relevos, que se guardam no Museu Archeologico do Carmo.

Mosteiro de N. S.^a da Esperança, de Religiosas Franciscanas, no Largo da Esperança (IV); a igreja está representada no desenho por baixo do mosteiro anterior; vê-se o muro da cerca, com um grande portal que deitava sobre a Calçada da Estrella.

No local da cerca e do convento abriu-se a Avenida de D. Carlos, inaugurada em 1889, hoje denominada do Presidente Wilson, a Rua dos Industriaes, e, além de varios predios de particulares, construiu-se n'elle a séde do commando e Quartel do Corpo de Bombeiros Municipaes.

Mosteiro de N. S.^a dos Remedios, de Religiosas

(1) V. *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, por Victor Ribeiro, 1902, pag. 309.

Trinitarias, no Largo do Rato (IV); vê-se a sua extensa frontaria por baixo do Reservatorio da Mãe d'Agua; a empena da igreja tem 3 janellas, sendo as lateraes em quarto de circulo. No edificio funciona actualmente a Direcção Geral da Assistencia, e o Azylo José Estevão, para raparigas.

Convento de S. Bento da Saude (IV); mostra a fachada como era antes das grandes transformações que tem soffrido, para adaptação do edificio a palacio do Parlamento ou das Côrtes; vê-se o adro que era echado com muros, e nos quaes existiam 2 portas, conforme diz o Padre Carvalho da Costa.

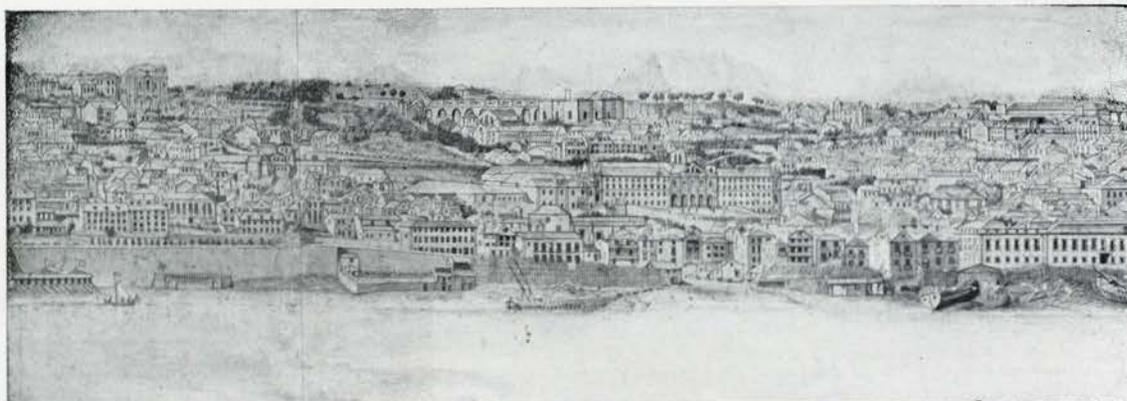
Convento de N. S.ª de Jesus, de Religiosos da Ter-

Palacio do Fiuza (I), em Alcantara, na extrema esquerda do desenho, mostrando, voltada para o observador, uma fachada com 5 janellas de sacada. (1)

Palacio das Necessidades (I), que foi a residencia real até á queda da monarchia, e onde funciona actualmente o Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Palacio na Rua do Pão da Bandeira (II). Na vertical da cêrca do ex-convento das Albertas vê-se, no penultimo plano, um palacio que ficava situado no local da actual Rua do Sacramento, á esquina para a Rua do Pão da Bandeira, que é o antecessor do palacio que foi dos Condes dos Oliveaes e Penha Longa, onde está hoje a

IV — DESDE O COMEÇO INFERIOR DA ACTUAL RAMPA DE SANTOS ATE AO PALACIO DO CONDE BARÃO DE ALVITO



Mosteiro de S.ta Isabel
Egreja de S.ta Isabel
Barracas de banhos ou de Associação Nautica

Mosteiro de S.ta Brigida
Convento dos Barbadinhos
Predio da C. de Marquez d'Abrantes
Aqueducto das Aguas Livres e Mãe d'Agua
Mosteiro de N.ª S.ª dos Remedios
Mosteiro das Francesinhas
Mosteiro da Esperança
Palacio dos Duques de Aveiro (?)

Convento de S. Bento
Frontão do Arco da R. de S. Bento

Palacio do Conde Barão

Ponte-caes

ceira Ordem de S. Francisco (V); no meio do casario avulta a igreja, com a extensa fachada do convento ao seu lado direito, e a Capella e o Hospital dos Terceiros, do lado esquerdo. A igreja é desde 1835 a parochial das Mercês, e no convento está installada, como se sabe, a Academia das Sciencias de Lisboa, e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Hospicio de S. João Nepomuceno e San' Anna, de Religiosos Carmelitas Descalços (V), no Largo de S. João Nepomuceno; avista-se n'um pequeno terreiro, inferiormente á Egreja dos Paulistas; n'elle está installado o Azylo de S.ª Catharina, fundado em 1858.

* * *

Dos palacios e casas nobres que estão representados no desenho mencionaremos, como mais salientes, os seguintes:

legação da Allemanha; reconhece-se que foi completamente remodelado.

Palacio do Conde de Obidos (I), contiguo ao extinto convento de S. João de Deus, onde, no 1.º andar, está installada a séde da Cruz Vermelha Portuguesa, e no rez-do-chão, que para o lado do rio tem a altura de um segundo andar, mora o illustre director d'esta publicação, Affonso de Dornellas.

Palacio da Imperatriz (II), ou dos Marquezes de Pombal, hoje do Estado, e onde é actualmente o Museu de Arte Antiga, contiguo, do lado esquerdo ou do poente, á igreja do extinto Convento das Albertas.

Palacio na Rua do Sacramento (II); por cima do palacio antecedente vê-se uma quinta e predio da Rua do Sacramento, que foi de Francisco Lima Mayer, e hoje é do D.º D. S.ª H. Horgan. O palacete tem 10

(1) V. *Alcantara*, por João Paulo Freire (Mario), 1929, pag. 94.

janellas de sacada no 1.º andar, e entre a 3.ª e 4.ª distingue-se, embebido na fachada, um painel de azul, de grandes dimensões, que ainda se conserva, contendo a imagem de N. S.ª da Conceição e uma cercadura com varios santos; tem a legenda seguinte:

SANCTUS DEUS
SANCTUS FORTIS SAN-
TUS IMMORTALIS
MISERERE NOBIS

No rez-do-chão funciona a secretaria da Embaixada Inglesa, e no 1.º andar está installada a Legação da Republica da China.

Palacio dos Condes de Murça (III). O palacio antecedente sobrepõe-se em parte, no desenho, a outro que lhe fica fronteiro no lado opposto da Rua das Janellas Verdes, que é dos Condes de Murça e de Sabugosa. Do palacio vêem-se ainda 7 janellas de sacada do 1.º andar, além de mais duas do corpo lateral que faz esquina para a Rua de S. João da Matta. N'este edificio está installada no 1.º andar a Escola Industrial Fonseca Benevides.

Palacio do Marquez d'Abrantes (III). A' Igreja de Santos segue-se este palacio, que hoje é occupado pela Legação da Republica Franceza, e pelo Consulado de França. Possuia uma extensa quinta, ao longo da actual

V — DESDE O PALACIO DOS ALMADAS, PROVEDORES DA CASA DA INDIA, ATÉ AO COMEÇO INFERIOR DA CALÇADA DE S. JOÃO NEPOMUCENO



Palacio dos Soares da Cotovia	Noviciado da Cotovia ou	Torre dos sinos da	Egreja	Palacio da T. da	Egreja dos	Egreja de
Palacio dos Almadas, Provedores da Casa da India	Collegio dos Nobres	Egreja Patriarchal	Condessa do Rio Paulistas	Hospicio de S. João Nepomuceno	Monte de S.ta Catharina	S.ta Catharina
		Egreja e Convento de Jesus				

Palacio na Rua das Janellas Verdes (II). Continuando para a direita do Museu de Arte Antiga, o predio que se vê com dois andares, 9 janellas em cada andar, e 4 aguas furtadas, é o que forma a esquina occidental da Rua das Janellas Verdes para a Rua de S. Domingos á Lapa.

Palacio do Marquez de Pombal (III). Proseguindo ao longo da Rua das Janellas Verdes, encontra-se o palacete do Marquez de Pombal; apresenta na fachada voltada ao sul, 2 andares com 8 janellas em cada um, e uma janella acima do telhado; esta fachada está hoje um pouco modificada.

Palacio dos Viscondes de Asseca (III). Na mesma rua, e passado o convento dos Mariannos, vê-se o palacio que foi dos Viscondes de Asseca, tendo do lado esquerdo a capella, com uma cruz no remate da fachada. O primeiro andar e a cave tinham galerias com 5 arcos, na fachada que olhava para o rio. O palacio foi demolido por 1882, e no seu local construiu-se a fabrica de Pregaria e Serraria da Companhia Victoria.

Calçada do Marquez d'Abrantes, supportada por uma alta muralha, que serve de parede do fundo ás casas do lado norte da Rua Vasco da Gama, e do Jardim de Santos.

Nos principios da monarchia existiu no local do palacio um convento de cavalleiros da Ordem de Santiago, mais tarde occupado por freiras da mesma Ordem, até se transferirem, no anno de 1490, para o Mosteiro de Santos-o-Novo, que para ellas mandou edificar D. João II. O convento foi extincto, e no seu local construíram-se uns paços reaes, chamados de Santos, predecessores do actual palacio.

Palacio da Condessa de Sarmento (III). Entre o edificio do convento das Trinas e o de N. S.ª da Estrella vê-se um palacete com 7 janellas de frente, e 2 na empena; fica situado na Rua do Quelhas; n'elle foi em tempos a séde da Nunciatura e actualmente está ahi installado o Lyceu D. Filipa de Lencastre.

Predio na Calçada do Marquez d'Abrantes (IV). O predio que, seguindo para a direita, se vê com 3 anda-

res e 11 vãos de portas ou de janellas em cada um, é o que tem na Calçada do Marquez d'Abrantes os numeros de policia 42 a 56; pertence hoje a D. Maria Augusta Martins David. Este predio foi propriedade do armador de navios João Antonio da Cruz Robim Borges, que consta que n'elle fez melhoramentos e ampliações. tendo tambem mandado construir o que actualmente lhe fica contiguo para poente, com os numeros 58 a 68, e o da Rua da Esperança, que faz esquina para a Travessa dos Barbadinhos, com os numeros de policia 57 a 67. Estes dois ultimos predios foram levantados no local do extincto convento e cêrca dos frades barbadinhos francezes, a que já nos referimos, tendo ficado excluida a egreja, que é actualmente o balneario da S.^{ta} Casa.

Palacio dos Duques de Aveiro (?) (IV). O predio que no desenho se segue ao anterior, por baixo dos conventos das Francesinhas e da Esperança, com 2 andares, e 6 vãos de janellas da sacada no 1.^o andar, deve ser o palacio dos Duques de Aveiro, transformado actualmente no enorme casarão que faz a esquina sul da Rua e do Largo da Esperança. (1)

Palacios do Conde Barão e dos Almadás. Os palacios dos Condes Barões de Alvito (IV), e dos Almadás, Provedores da Casa da India (V), o primeiro fazendo esquina para a Rua dos Mastroz, e o segundo para a Rua das Gaivotas, vêem-se com toda a nitidez no primeiro plano do desenho; a praia em frente d'elles era então varadouro e estaleiro de construcção de barcos. No 2.^o d'aquelles palacios está actualmente installada uma officina typographica «Otosgrafica, L.^{da}», e serve de armazens da livraria Aillaud e Bertrand.

Palacio dos Soares da Cotovia (V). Na linha do horizonte, superiormente a estes palacetes, projectam-se duas fachadas, sul e oriental, do palacio de D. Rodrigo, ou dos Soares da Cotovia, onde está installada desde 1768 a Imprensa do Estado, hoje denominada Imprensa Nacional.

Ao lado esquerdo avista-se um extenso telhado que deve ser do palacio que foi dos Condes de Ceia, e hoje é de D. Vasco Bramão.

Collegio dos Nobres (V). Um pouco para a direita, por cima da Egreja e Convento de Jesus, vê-se o edificio do Noviciado da Cotovia, depois mudado em Collegio dos Nobres (em 1761), que ardeu em 1843. Reconstruído segundo um novo plano, é hoje a Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa.

Palacios na Travessa da Condessa do Rio (V). Entre a Egreja dos Paulistas e o Terreiro do Convento de S. João Nepomuceno veem-se dois palacios que formam as esquinas da Travessa da Condessa do Rio (*Grande*); o da esquerda é propriedade actualmente de José Matheus d'Almeida Mendia, e o da direita de Guilherme Ferreira Pinto Basto, que n'elle fez grandes obras que, na fachada, lhe modificaram um pouco o aspecto-

Egreja Patriarchal de Lisboa (V). No ceu projecta-se uma torre com ventanas, sobrepujada por uma cruz, que é, como já dissémos, a torre sineira da Patriarchal, incendiada, como a egreja, em 1769. Por baixo da torre vê-se o envasamento da fachada da Patriarchal, com cunhaes e membros de cantaria refendida, semelhantes aos que mostram dois quadros que ainda se conservam. (1)

Um pouco mais a baixo nota-se a linha extensa de um barracão, caserna dos soldados do Regimento da Praça de Peniche, que vieram para Lisboa fazer o policiamento da cidade depois do terremoto de 1755, e a que deve o nome a Rua do Abarramento de Peniche.

O horizonte do panorama é limitado pelas linhas de cumeeada que se avistam de Cacilhas. A esquerda do quadro tem por fundo a serra de Monsanto, com alguns casebres e moinhos isolados; distingue-se uma furna das pedreiras de Monsanto.

Ao longe campea uma ermida isolada, que é a da quinta dos Prazeres, onde se fez o cemiterio da mesma denominação.

D'ahi, a renque de casas mais afastadas é da Rua do Sacramento, e em seguida a da Rua de Buenos Aires.

Entre as empenas de dois altos predios fica a terminação superior da Rua das Trinas do Mocambo (III), hoje Rua Sâra de Matos; é precisamente n'esse sitio que deveriam projectar-se a cupula e as torres da egreja da Estrella, se n'essa epoca já existissem.

D'ahi por diante desenham-se edificios de varias encostas e cumiadas, conforme as disposições orographicas da região de Lisboa que se avista de Cacilhas.

Com a maior nitidez veem-se o aqueducto e o Arco da Rua das Amoreiras, e o reservatorio conhecido por Mãe d'Agua (IV); debaixo do 5.^o arco do aqueducto está alojada a capella de N. S.^a de Monserrate, contigua, no desenho, á egreja do Mosteiro do Rato.

Na Rua de S. Bento, proximo e á direita do edificio do convento (IV), distingue-se o frontão do arco da canalisação das Aguas Livres que conduz ao chafariz da Esperança.

O monte de S.^{ta} Catharina (V) apresenta-se ainda desprovido da sua muralha de suporte, e com uma cruz no adro da egreja, porventura a *cruz de pão* que deu origem ao nome da rua, hoje Rua do Marechal Saldanha, que segue d'aquelle adro para o Largo do Chahariz, e que, segundo a tradição, servia para orientação dos maritimos até á barra do Tejo.

Entensos tractos de terreno existiam então sem edificações, especialmente para o lado da parte mais occi-

(1) V. *A Ribeira de Lisboa*, por Julio de Castilho, 1893, livro IV, capitulo XI.

(1) V. *Depois do Terremoto*, por G. de Matos Sequeira, volume I, 1916, pag. 107.

dental da cidade, vendo se ainda, nos campos entre a Rua das Janellas Verdes e a do Sacramento, duas quintas muradas, á inferior das quaes, chamada quinta da Arriaga (II), pertencia o predio com 2 andares e 6 janellas em cada andar e 3 trapeiras; estas propriedades pertenceram a D. Marianna de Vilhena Coutinho Arriaga, camareira da Rainha D. Maria I, e são hoje da condessa de Seisal. Ao longo do muro d'esta quinta abriu-se a Rua da Arriaga, e contigua ao muro superior de vedação da outra quinta rasgou-se a Rua do Prior. Em parte dos terrenos d'esta ultima quinta são hoje o palacio e os jardins da Embaixada Inglesa.

A parte marginal da cidade, que se banhava nas aguas do Tejo, foi desde então até ao presente completamente transformada. N'aquelle tempo ainda as tercenas ou armazens, e os estaleiros, predominavam em toda a parte que foi abrangida no desenho.

Em Alcantara vê-se o baluarte (I), onde é a parada do Quartel do Corpo de Marinheiros, construido em 1862-65, e a cortina da quadrella immediata, sobre que se levanta uma fachada do refeitorio do ex-convento do Sacramento; em seguida estão uma furna e fornos de cal (I), pelo sitio da Fabrica de Bolachas da Pampulha; a encosta onde está construido o Convento de S. João de Deus e o Palacio do Conde de Obidos (I) apresenta ainda o aspecto selvatico primitivo.

Em Santos, encostadas á muralha de suporte da quinta do Marquez d'Abrantes, está uma renque de baracas, com uma bandeira portugueza e outra ingleza, no topo de umas bancadas, naturalmente de madeira (IV); deviam ser ou barracas de banhos, ou mais provavel-

mente de alguma associação de recreio nautico, para o que o desenhador representou, junto á margem em frente d'ellas, uma canoa de recreio, tambem embandeirada.

Vê-se depois uma ponte-caes de estacas (IV), e na margem uma fila de cavallos a caminho de um barco atracado á ponte; são naturalmente os vehiculos usados então para o transporte dos lixos da cidade para as falúas ou cahiques.

Ali perto divisa-se um chafariz ou tanque de lavagem de roupa, tendo um portão semi-circular, com 3 acroterios.

Do Largo da Esperança até ao extremo direito da parte desenhada, a margem do Tejo está toda occupada com armazens e estaleiros de construcção de barcos (IV e V); uma palissada isolava estes estaleiros da rua. O aspecto do local é hoje totalmente differente, não só pela construcção de edificios, mas pela enorme superficie que tem sido conquistada ao Tejo, para as successivas obras da margem e melhoramentos do porto de Lisboa.

*

* *

Tendo percorrido rapidamente todo o panorama desenhado, que pela primeira vez é publicado, não podemos deixar de accentuar a sua extraordinaria fidelidade, e o valor quasi photographico que possui como documentação, para conhecimento do estado de uma parte da cidade poucos annos depois do terremoto de 1755. Bem haja o desconhecido auctor que nos legou tão precioso trabalho.





ESFRAGÍSTICA HERÁLDICA

ELEMENTOS DE ESTUDO POR ARMANDO DE MATTOS

A *esfragística* ou *sigilografia*, sciencia que trata do significado e interpretação dos sêlos, é um interessantissimo estudo que em Portugal ainda está por fazer.

De uma grande utilidade, bem comparavel á da *numismática*, já originou no estrangeiro, desde os fins do século passado, trabalhos vastissimos cheios de erudição e interêsse.

Em Portugal, sómente encontro uma escassa meia duzia de artigos, isolados, e assim mesmo sem abordar o assumpto na esfragística nacional. Apenas generalidades e uma ou outra rara citação a espécies que nos digam respeito.

Dos poucos trabalhos que a bibliografia portugueza regista, só dois fogem dos conhecimentos geraes deste ramo da arqueologia, D. Antonio Caetano de Souza na sua *Historia Geneologica*, e o doutor João Pedro Ribeiro nas suas *Dissertações chronologicas* ⁽¹⁾, catalogando e arquivando noticias dos principaes exemplares da série portugueza, e modernamente o Dr. Pedro Vitorino, illustrado arqueólogo do Pôrto, no «*Arquivo Nacional de Ex-libris*», n'uma série de sêlos nacionais, especialmente agiográficos e hieráticos.

Só ha poucos anos é que em Portugal se organizou a primeira colecção esfragística, digna desse nome, (pois comporta mais de mil exemplares de todas as épocas e géneros e algumas dezenas de matrizes) e isso devido ao benemérito esforço do erudito professor Dr. António de Vasconcelos, que conseguiu fazer adqui-

rir pela faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a colecção do Duque de Luynes que se vendia em França.

Foi isto motivo para que se incluisse, e muito bem, a *esfragística* nos programas da referida Faculdade, a par da *numismática*, da *epigrafia*, da *diplomática* e da *paleografia*.

Pena é que este distinto professor, que tem a seu cargo o ensino destas especialidades arqueológicas, se não tivesse ainda dispôsto a escrever um trabalho de fôlego sobre a esfragística nacional, para assim preencher uma falha importante das nossas bibliografias.

A fim de iniciar outro futuro núcleo, no Museu Municipal do Porto, que tem agora os cuidados de um grupo de «*Amigos*» dedicados, ofereci a minha pequena colecção, exemplo que já foi seguido por outros colecionadores. Assim, dentro em breve, se abrirá ao publico mais esta colecção, que para inicio apresenta um total de mais de trezentos sêlos, na maioria heráldicos, e agiográficos, mas com belos exemplares, e uma dúzia de matrizes.

Será, portanto, a segunda que se organisa no paiz, sem ser em mãos de particulares.

O trabalho que ora vou iniciar, não é mais do que um conjunto de notas para o catálogo e registo anotado de uma espécie de sêlos, cujo sentido está dentro da indole do «*Elucidário Nobiliárquico*».

E', pois, de sêlos heráldicos que vou ocupar-me, servindo-me para isso, da citada e incipiente colecção do *Museu Municipal do Porto*.

Dentro desta categoria de sêlos, ha a considerar

(1) III.

quatro variantes. Ou tratam da heráldica de *familia*, ou de *domínio*, ou *eclesiástica* ou de *corporação*.

De todas estas variantes, tenho exemplares para tratar, que a seu tempo serão estudados, e outros que, certamente, virão ainda enriquecer a colecção.

Estes sêlos dar-me hão ensejo a fazer algumas considerações heráldicas, o que constitue o principal objecto deste trabalho.

Para que justifique bem, o facto de tratar da esfra-



N.º 1



N.º 2

gística heráldica, basta notar a passagem seguinte, obrigatória dos textos das cartas de armas:

«E assim mesmo as poderá (as armas) trazer (o suplente) em seus firmaes, aneis, sinêtes, etc...»

Como entro neste assunto de comentar os sêlos heráldicos, por meio da esfragística, é de justiça, que em dois traços alguma coisa diga da sua historia, embora não traga novidades, visto tão pouco tratada e conhecida ser em Portugal.

*
* *

O estudo criterioso dos sêlos, sob todos os aspectos que eles nos podem oferecer dignos de interesse e merecedores de cuidada interpretação, chama-se *esfragística*, ou, em locução híbrida, *sigilografia*.

Sêlo, é a reprodução em *metal* ou em qualquer *massa moldavel*,⁽¹⁾ de um *cunho*, *matriz* ou *sinête*.

Os metaes usados teem sido: o *ouro*, a *prata* e o *chumbo*. As pastas ou massas moldaveis, são a *sêra*, *lacre* e *obreia* (com a interposição de um pedaço de papel, muitas vezes interessantemente recortado).⁽²⁾

Além destes sêlos, pôde haver ainda os sêlos a tinta, mais modernos, e que levam vulgarmente o nome de *carimbos*.

Empregavam-se, e empregam-se ainda, embora de uma forma mais restrita, para autenticar, garantir e guardar, documentos públicos e privados, emanados de entidades ou corporações officaes, religiosas e laicas, ou de simples particulares.

Um sêlo tem personalidade, pois é uma espécie de

assinatura do seu possuidor, e tanto assim era considerado, e desde o seu principio, que na Edade Média os cunhos eram martelados quando da morte dos seus senhores, e com eles, por muitas vezes, desciam ao túmulo.

De ahí, a escacêz, nas colecções de hoje, de cunhos dessa época.

Esta ideia de personalidade que sempre andou ligada aos sêlos, presistiu sempre.

Mostra-o, o costume medievo que os homem tinham de prenderem na cêra um pêlo da barba, e as mulheres um fio de cabelo, quando não marcavam digitalmente a cêra, ao lado da gravura do cunho, e até usando isso, embora raramente, como *contra-sêlo*, nos *sêlos pendentes*.

E, já que falei em *contra-sêlo*, direi o que era, para que se não confunda com o *sub-sêlo*, que era um sêlo mais pequeno, e que se punha a seguir ao sêlo, quando pendente. Foi uso pouco espalhado e que se limitou quasi que só á França. Os sêlos pendentes (pois havia-os que não o eram, consoante eram apóstos no proprio documento, ou em fitas ou fios, a ele juntos, ou ainda em tiras do proprio pergaminho, se o documento era de péle, a fim de mais garantir a autenticidade do sêlo), no reverso, levavam gravado outro cunho, geralmente menor, e que era como que um sêlo puramente particular, onde aparecia uma divisa de intimo sentido, empreza ou sigla que só o possuidor conhecia.

Em regra, este *contra-sêlo*, era feito com os *aneis-sigilares*, que são, até, a forma primitiva do *sinête*, pois deles já encontro noticias nas mais velhas civilisações orientais.⁽¹⁾

A ideia da personalidade que sempre envolveu o sêlo, é que deu origem á ideia de *poder*, que em casos varios, o anel representou.

Por vêzes, os cunhos tinham só uma pequena salien-



N.º 3



N.º 4

cia no reverso para se lhe pegar, e nela, havia um furo, por onde passava um fio, a fim de ser usado pendente do pescoço.

Compreende-se: se era a representação do individuo, e era a sua assinatura (a unica, em muitos casos) devia andar com ele.

(1) São os mais vulgares.

(2) Que encontram similares nos papeis recortados empregados nos doces. Vêr no *Dóce nunca amargou...* por E. Ribeiro.

(1) — O Anel — Introdução ao catálogo da colecção de aneis do Museu Municipal do Porto (em preparação).

Em principio, o sêlo era privativo dos reis, sacerdotes, grandes senhores... divulgando-se o seu uso a toda a nobreza e burguezia cêrca do seculo X.

Pelo que já disse, nestas rapidas notas, se vê que os sêlos podem ser em *metal* (aureos, argenteos, plumbeos), em *massa* (cera, obreia, lacre, etc.), *suspensos* ou *aderentes*; e que os sinêtes podiam ser, de *suspensão*, de *anel* e *avulsos* ou isolados.

Sobre o uso das côres nos lacres e ceras, não me parece vêr nada de positivo, pelo menos na prática, tantas são as exceções ás côres vulgarmente attribuidas aos sêlos reaes, dos bispos, etc.

Uma unica côr se manteve sempre numa entidade religiosa, tornando-se sobejamente conhecida e temida: a cêra verde do sêlo do Santo Officio!

Para as fitas e fios, ou sejam de seda, linho ou lã, que depois da Edade Média se uzavam para suportar o sêlo,

dá-se o mesmo caso. Tornaram-se célebres, já nos tempos modernos, a fita de sêda côr de rosa, dos documentos riais de D. Maria I, a fita verde da ordem de Aviz e depois de D. João VI, a fita com as côres constitucionais.

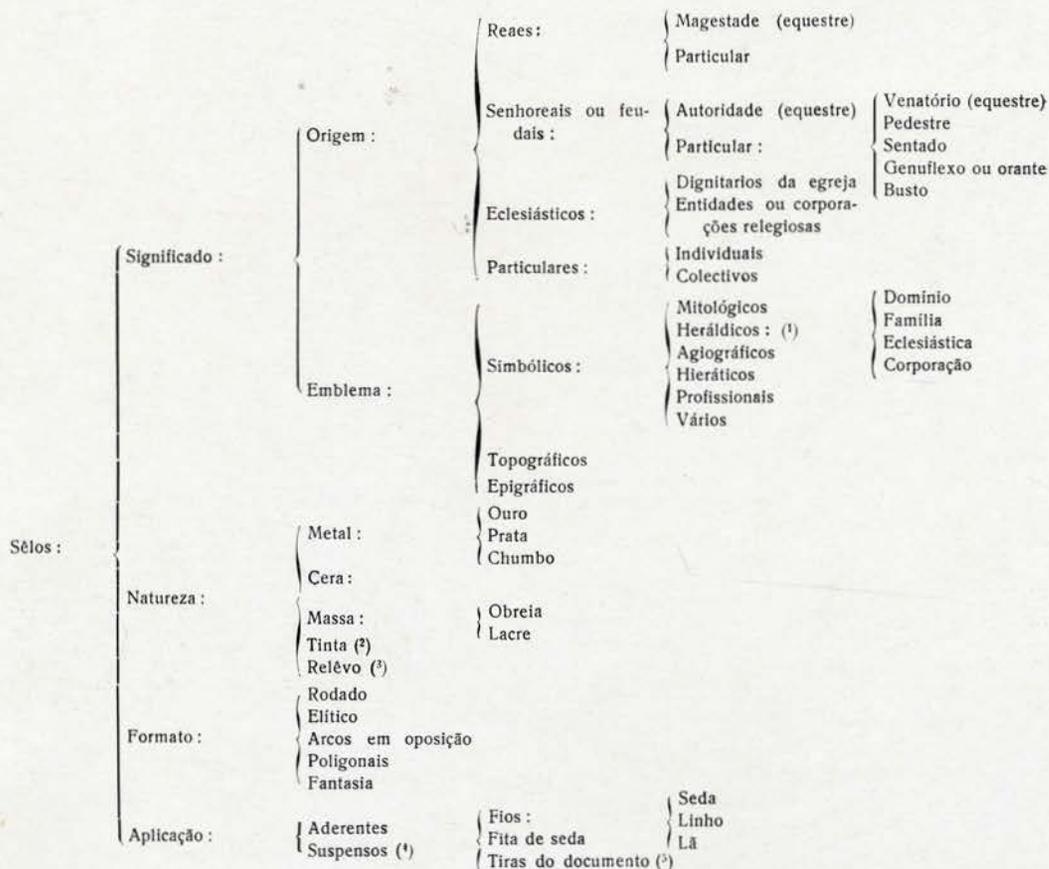
Conforme as pessoas que usavam os sêlos, assim eles teem um papel e um significado diferente. Quanto ao assumpto gravado no cunho, compreende-se bem a variedade que haveria.

E' por isto, que, desde os primeiros autores estrangeiros que tentaram estudar a esfragística, aparece logo uma classificação dos sêlos, para facilitar, metodizando, o seu estudo.

As classificações que conheço, não me satisfazem completamente, atrevendo-me por isso, a organizar uma conforme o meu critério.

Seguil-a ha quem a achar prática.

Vejam os:



(1) Só a partir do fim do seculo XIII.

(2) E' o carimbo.

(3) E' o chamado «sêlo branco».

(4) Por vezes metidos em caixas de metal ou madeira, para se não partirem.

(5) Quando de pergaminho.

Parece-me, terem guarida neste esquema, todas as variantes de sêlos conhecidos.

E' claro que alguns ha, que são mixtos, pois reu-
nem características de duas e até trez espécies; mas
indicar-se-hão pela mais importantemente representada.

Tinham os sêlos, geralmente a forma redonda, (sinal



N.º 5



N.º 6

rodado) havendo-os também elípticos, de arcos em opo-
sição e poligonais (raros).

O uso dava os redondos para os reis, grandes
senhores e para os municípios; os elípticos para corpora-
ções e entidades laicas e religiosas, e os de arco em opo-
sição para as mulheres e eclesiásticos.

Nestes ultimos, é vulgar aparecer a imagem do pos-
suidor, de joelhos, deante da santa ou santo seu padroeiro.

Além destas formas, outras podem aparecer, o que é
muito raro. Uma conheço eu, em forma de coração, e
que fazia parte da minha coleção. E' nacional. (1)

Muito fugidamente, ahi ficam umas notas do que é
a esfragística. Por esta leve amostra, pode fazer-se ideia
do que haveria a dizer.

Pode ser que isto resolva algum estudioso a tentar
um trabalho baseado exclusivamente nos exemplares por-
tugueses. As notas que vou arquivar nestas paginas serão
materiais a aproveitar.

Não exagero se disser que encheria muitos volumes
a sua completa história.

Termino esta introdução, indicando, possivelmente a
melhor, mais importante e indispensavel bibliografia
franceza sobre o assumpto :

- *Les sceaux* — por Lecoy de la Marche.
- *Paleographie des sceaux* — G. Demay.
- *Le costume au moyen age d'après les sceaux X* —
G. Demay.
- *Manuel de Sigillographie française* — J. Roman.

INDICAÇÕES:

- H. F. — Heráldica de família.
- H. E. — " eclesiástica.
- H. D. — " de domínio.
- H. C. — " de corporação.
- A. — Altura.
- B. — Brasão.
- D. — Diferença.
- E. — Escudo.
- F. — Formato.
- G. — Gravura.
- N. — Nota.
- S. — Século.

SÉRIE I

I — H. F; F: oval; A: 37mm; G: tósca com cercadura de pérolas,
mas habilmente delineada. S: XVII; B: partido de VIEIRA e
de CARDOSO, que dá o timbre. E: clássico.

Elmo de grades e paquife de folhagem.

A representação heráldica é correcta, pôsto que não tenha a
indicação dos metaes e esmaltes.

II — H. F; F: oval; A: 24mm; G: de bom relêvo e desenho,
com cercadura de pérolas S: XVIII; B: AMARAL (de Pero
Rodrigues), sem timbre.

Elmo de grades e paquife de flores. E: francez.

A heráldica está pouco precisa. Assim, não devia ser um
cortado de uma águia bifronte, coroada de uma só corôa, e
de um leão nascente, com uma espada, etc... mas antes:
*em campo vermelho um leão nascente, de oiro, coroado do mesmo, armado
de prata, com uma espada do mesmo guarnecida de oiro, levantada na
mão direita com um chefe cozido de azul carregado de uma águia de duas
cabeças, sainte, estendida e coroada de oiro.*

Não indica os metaes e esmaltes.

N: Este braço de armas foi dado a Pero Rodrigues do
Amaral, protonotário apostólico, conde palatino, administra-
dor perpétuo do mosteiro de S. Pedro das Aguias e arci-
preste da igreja de S.ª Maria da vila de Almeida, pelo im-
perador de Constantinópolia Andreas Paleologus, confirmado
por D. Manuel a 12 de outubro de 1503. (Brasões Inédi-
tos, n.º 448.)

III — H. F; F: oval; A: 40mm; G: regular e bem traçada com cer-
cadura ponteadas; S: XVIII; B: BARBA, com timbre.



N.º 7



N.º 8

Elmo de grades, sem paquife. E: fantasia; D: uma brica azul
com uma flor de liz.

A armas sem indicação de metaes e esmaltes, com exce-
ção da brica (que segundo a carta de armas que abaixo
cito, é meia brica de azul com uma flor de liz de oiro) es-
tão regularmente executadas.

Os ramos de hera têm as folhas pouco características, e o
mouro tem na mão direita, levantada, um dos ramos de hera
do escudo, quando deveria estar com as mãos cruzadas so-
bre o pello.

N: Brasão passado a Domingos Fernandes Barba, a 30 de

(1) Estudado pelo Dr. Pedro Victorino no *Archivo Nacional de Ex-libris*. Vol. I.

junho de 1566. (Brasões Inéditos, n.º 142), e a seu irmão Pedro Fernandes Barba, a 9/1/1572 (op. cit. n.º 42 — Brasões avulsos).

- IV — H, F; F: oval; A: 25^{mm}; G: pouco relêvo, com cercadura de cordão; S: XVII; B: LOUREIRO (de Luiz de Loureiro), sem timbre. E: classico.

Elmo de grades com paquife de ornatos.

Má heráldica. Compare-se o brasão de sêlo, com a correcta descrição das armas:

esquartelado: 1.º de vermelho, com um castelo de prata aberto, iluminado e lavrado de negro, ladeado à esquerda de uma escada de ouro, lançada entre as suas ameias; 2.º e 3.º de vermelho, com cinco folhas de figueira de verde, nervadas de ouro, postas em sautor; 4.º de ouro, com uma bandeira de verde hasteada de vermelho, partido do mesmo, com uma bandeira de prata hasteada de ouro. Timbre: meio mouro vestido e toucado de prata, com as mãos atadas de ouro, sustido por dois braços de leão, de vermelho, passados em aspa, tendo cada um na mão uma folha do escudo.



N.º 9



N.º 10

- V — H, F; F: oval; A: 31^{mm}; G: tósca, mas num seguro desenho com cercadura de pérolas; S: XVII; B: CARNEIRO, que dá o timbre, partido de um cortado de ANDRADE (de Nuño Freire, 2.º ramo) e de MONTEIRO.

Elmo de grades, e paquife de folhagem.

E: classico.

Boa heráldica, mas sem a indicação de esmaltes e metais. As cornetas de caça dos Monteiros, parecem estar suspensas, o que não deve ser.

- VI — H, F; F: oval; A: 28^{mm}; bom e perfeito relêvo com cercadura de pérolas; S: XVIII; B: esquartelado de ABREU, que dá o timbre, VIEIRA, PAIVA e PEDROSO.

Elmo de grades (com o abuso de estar de frente) guardado com cinco plumas, dispostas em leque, e paquife de de flores. As plumas são aqui descabidas.

E: suíço.

A heráldica dos quartéis perfeita; os campos dos trez primeiros, têm os esmaltes indicados, bem como as fexas do quarto.

- VII — H, F; F: oval; A: 25^{mm}; G: imperfeita; S: XVIII; B: esquite-

lado de COELHO, que dá o timbre, FARIA, AMORIM E SILVA.

E: inglez ladeado por dois festões de flores.

No brasão ha algumas irregularidades heráldicas. No 1.º quartel, a bordadura dos COELHOS, apresenta-os dispostos, trez a cada *flanco*, e um em *chefe*, quando devia ser em *ponta*. No 2.º quartel, o castelo não devia estar assente sobre terreno. Nalguns campos ha a indicação de esmaltes e metais.

N: Em Tentugal ha uma casa, primitivamente do mesmo possuidor deste sêlo (e que hoje é de Alvaro Jardim Cabral de Vilhena), que tem a pedra de armas, certamente feitas pelo cunho deste sêlo, pois que tem todas as peças e disposição dos quartéis, voltados ao outro lado.

- VIII — H, F; F: A: 33^{mm}; G: regularmente correcta com cercadura de escama; S: XIX; B: esquartelado de SOUSA (de Arronches), que dá o timbre, TAVARES e CAVALEIRO; D: um crescente.

Elmo de grades e paquife pequeno, de ornatos; E: francês, pôsto *au ballon*.

Este braço tem dois erros. Um no quartel dos Souzas, com o emprego de *Portugal-moderno*, por *Portugal-antigo*, assim mesmo sem a quebra de bastardia. Outro na locação da *diferença*, pois devia estar no angulo direito do chefe, e não nessa situação, mas em relação ao primeiro quartel. Esta *diferença* parece um *crescente*, mas não será antes uma má representação de outra qualquer peça heráldica? O que me faz dizer isto é o facto de encontrar no brasão passado ao Licenciado MANUEL TAVARES CAVALEIRO, a 6 de outubro de 1687 (BRASÕES INÉDITOS, n.º 394), que é igual ao do sêlo em estudo, uma *almofada de verde*, por *diferença*.

- IX — H, F; F: oval; A: 23^{mm}; G: regular, com cercadura de pérolas; S: XVII; B: BARROS, em *chefe*.

Elmo de grades, com o timbre das armas, e paquife de flores.

E: classico.

A heráldica deste sêlo está certa, embora não indique os esmaltes e metais.

- X — H, F; F: oval; A: 30^{mm}; G: boa e de bom desenho com cercadura de pérolas; S: XVIII; B: partido de FIGUEIRA que dá o timbre, e PINHEIRO (Cogomínho).

Elmo de grades, com um perfeito paquife de ricos ornatos.

E: oval, á italiana. — Não indica as côres; a heráldica perfeita. Circunda o escudo, uma corrente, que esta familia costuma usar no quartel dos Figueiras.

Este mesmo brasão vem reproduzido no *ex-libris* do Visconde de Pindela, mas com a corrente destacada do brasão.

S. João da Foz
1929

